

TATIANA DA ROCHA VIEIRA

ESCOLAS DO CAMPO ENTRE SERRAS E MARIAS

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Educação, para obtenção do título de
Magister Scientiae.

VIÇOSA
MINAS GERAIS-BRASIL
2016

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade
Federal de Viçosa - Câmpus Viçosa

T

V657e
2016
Vieira, Tatiana da Rocha, 1985-
Escolas do campo entre serras e marias / Tatiana da Rocha
Vieira. – Viçosa, MG, 2016.
ix, 76f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui anexos.

Orientador: Willer Araujo Barbosa.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Educação do campo. 2. História oral. I. Universidade
Federal de Viçosa. Departamento de Educação. Programa de
Pós-graduação em Educação. II. Título.

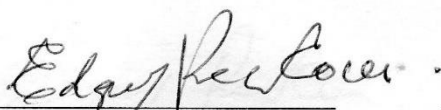
CDD 22. ed. 374

TATIANA DA ROCHA VIEIRA

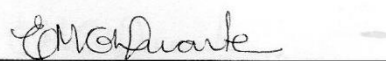
ESCOLAS DO CAMPO ENTRE SERRAS E MARIAS

Dissertação apresentada à
Universidade Federal de Viçosa,
como parte das exigências do
Programa de Pós-Graduação em
Educação, para obtenção do título de
Magister Scientiae.

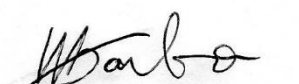
APROVADA: 24 de fevereiro de 2016.



Edgar Pereira Coelho



Edivânia Maria Gourete Duarte



Willer Araujo Barbosa
(Orientador)

TATIANA DA ROCHA VIEIRA

Dedicatória

Dedico ao meus pais,
Aos agricultores e agricultoras,
Á todos que lutam por uma Educação do Campo.

Maria, Maria

de Milton Nascimento.

Maria, Maria,
É um dom,
Uma certa magia
Uma força que nos alerta
Uma mulher que merece
Viver e amar
Como outra qualquer
Do planeta

Maria, Maria,
É o som, é a cor, é o suor
É a dose mais forte e lenta
De uma gente que rí
Quando deve chorar
E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força,
É preciso ter raça
É preciso ter gana sempre
Quem traz no corpo a marca

Maria, Maria,
Mistura a dor e a alegria
Mas é preciso ter manha,
É preciso ter graça
É preciso ter sonho sempre
Quem traz na pele essa marca
Possui a estranha mania
De ter fé na vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a meu pai e minha mãe, vovó Julieta, que me proporcionaram o viver; ao Cleiton pelo companheirismo e a minha fillha Chúri pela sua alegria. Aos meus amigos da graduação e pós graduação. Ao meu orientador Willer Barbosa pela sua sabedoria e humanidade e, em especial aos professores - monitores da Escola Família Agrícola Serra do Brigadeiro que me propiciaram aprendizagens contínuas. Ao agricultores (as) agricultores (as) por sua força e luta pela Educação do Campo.

Aos professores do Departamento de Educação/ UFV que contribuíram com minha formação, enquanto profissional da educação e como pessoa. Aos amigos e amigas do Ecopedagogia, aos amigos e amigas desde a graduação Erika, Fabrício Valentim, Kelly, Paula, Eliana, Shirley, Alessandra e tantos outros.

SUMÁRIO

LISTAS DE SIGLAS.....	vi
LISTA DE FIGURAS.....	vii
RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	ix
1.Olhando os caminhos.....	1
2.Essas Serras.....	1
2.1. Conhecendo um pouco mais.....	4
2.2. Gerando a Pesquisa.....	10
2.2.1. Uma educadora na comunidade.....	13
2.2.2. Caminhos metodológico.....	14
3. Fios por uma educação do campo.....	16
3.1. Entre essas três marias.....	17
3.1.1Um pouco de Gênero.....	19
3.2. Alternâncias educativas.....	22
3.3. Emergência das narrativas orais.....	31
3.3.1. Conversas de Marias.....	35
4. Considerações.....	40
5. Referências Bibliográficas.....	42
6. Anexo 1.....	46
6.1. Anexo 2.....	48
6.2. Anexo 3.....	52

LISTA DE SIGLAS

AEFAE -	Associação Escola Família Agrícola de Ervália
AMEFA -	Associação Mineira de Escolas Família Agrícola
CEBs-	Comunidades Eclesiais de Base
CEFFAs-	Centros Familiares de Formação por Alternâncias
CEPA -	Comunidade Educacional Popular Agrícola
CNBB-	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CNE-	Conselho Nacional de Educação
CTA-ZM -	Centro de Tecnologias Alternativas da Zona Mata
EFASB -	Escola Família Agrícola Serra do Brigadeiro
EFAP -	Escola Família Agrícola Paulo Freire
EFAPuris -	Escola Família Agrícola Puris
ENERA-	Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária
FAO -	Organização das Nações Unidas para Agricultura
TRSB -	Território Rural da Serra do Brigadeiro
UNESCO -	Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura
UNICEF-	Fundo das Nações Unidas para a Infância
UFV -	Universidade Federal de Viçosa

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1:	Mapa planialtimétrico.....	3
Figura 2:	Mapa de localização do município de Araponga –MG.....	5
Figura 3:	Mapa de localização do município de Ervália- MG.....	6
Figura 4:	Vista da Escola Família Agrícola Serra do Brigadeiro.....	8
Figura 5:	Comunidade Novo Horizonte, 2003.....	9
Figura 6:	Comunidade Novo Horizonte, 2009.....	10

RESUMO

VIEIRA, Tatiana da Rocha, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, fevereiro de 2016. **Escolas do campo entre serras e marias**. Orientador: Willer Araujo Barbosa.

Este trabalho dissertativo se divide, basicamente, em uma apresentação, desenvolvimento em dois capítulos e as Conclusões. Para isso foi realizado um levantamento bibliográfico e imagético, caderno de campo, consulta documental e entrevistas-conversas. O foco foi a necessidade de compreender o processo de formação das Escolas Família Agrícolas (EFAs) e qual a importância desse fato na vida de três mulheres protagonistas que buscavam concretizar um sonho e um direito de acesso à educação em suas comunidades. Os municípios abordados Araponga e Ervália são pertencentes a Zona da Mata Mineira e fazem parte do Território Rural da Serra do Brigadeiro. Essas duas escolas são parte de várias experiências educativas em que se encontra a Educação do Campo no Brasil e se consolidam por meio de Associações gestoras compostas de agricultores e agricultoras. A participação feminina tem sido significativa nessas experiências educativas seja na gestão, na formação e na consolidação. Logo, se fez necessário focar nessas narrativas de femininas de modo nos atentar a essas experiências dessas mulheres no âmbito as EFAs. Destacamos alguns temas que emergem de suas narrativas: Comunidade, Relações de Poder, Formação para vida, Interrelação das EFAs. Logo do ouvimos até aqui em etapas de trabalho de campo, há um orgulho na gestão dessas EFAs que vem resultando na apropriação por parte de sua vizinhança na sustentação dessas instituições, seja no processo pedagógico, seja no envolvimento comunitário. Isso aponta para a formação agroecológica que empreendem e sua repercussão, ainda frágil, mas já significativa na dimensão regional. Entretanto, ainda há forte silenciamento popular exercido pelas instâncias técnicas de gestão e de assessoria que acompanham essas experiências, além disso, enrijecimentos históricos-coronelísticos de disputas entre os municípios, no entanto há sinais de ações e laços pedagógicos que aproxima as referidas EFAs.

ABSTRACT

VIEIRA, Tatiana da Rocha, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, February, 2016. **Field schools between mountains and marias**. Advisor: Willer Araujo Barbosa.

This dissertational work is divided basically into a presentation, developing two chapters and conclusions. a literature and imagery survey, field notes, document research and interviews, conversations for this was done. The focus was the need to understand the process of formation of Agricultural Schools Family (EFAs) and the importance of that fact in the lives of three female protagonists seeking to realize a dream and a right of access to education in their communities. Municipalities covered Araponga and Ervália are owned by Zona da Mata Mineira and are part of the Rural Territory Serra do Brigadeiro. These two schools are part of several educational experiences in the field of education lies in Brazil and consolidated by means of composite management associations and women farmers. Female participation has been significant in these educational experiences be in management, training and consolidation. Therefore, it was necessary to focus on those narratives of women in order to attend to these experiences of these women in the EFAs. We highlight some themes that emerge from their narratives: Community Power Relations, Training for Life, Interrelationship of EFAs. Logo heard so far in the field of work steps, there is a pride in the management of these EFAs that has resulted in the ownership of their neighborhood in support of these institutions, whether in the educational process, whether in community involvement. This points to the agroecology training they undertake and their impact, still fragile, but already significant regional dimension. However, there is strong popular silencing exercised by the technical bodies of management and advisory accompanying these experiences, in addition, rigidities historical-coronelísticos disputes between municipalities, but there are signs of actions and educational ties approaching these EFAs.

1. Olhando os caminhos.

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher”. (CORALINA, Cora)

Este trabalho consiste em uma narrativa sobre a história das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) da Serra do Brigadeiro tendo como orientação o olhar feminino sobre tal. O trabalho se divide, basicamente, em dois capítulos, a saber: **Essas Serras e Fios por uma educação do campo**. Sendo que esta Apresentação e as Conclusões, se mostram um olhar singular sobre a questão citada, estas se configuram como tópicos explicativos que envolvem esses dois capítulos a fim de facilitar a leitura.

No capítulo primeiro capítulo apresenta-se o trabalho contextualizando a pesquisa, o lugar onde situa-se as experiências educativas da EFAs. Demonstrando como se chegou ao problema da pesquisa, e caracterizando a experiência da educadora e conhecedora do local da investigação, além de explicitar o contexto mais específico onde se dá a análise pretendida. Apresenta-se a metodologia utilizada na pesquisa.

Por sua vez o capítulo Fios por uma educação do campo versa sobre os aspectos do contextualização das pessoas envolvidas na pesquisa, pontua as questões de gênero que estão presente no contexto, traz uma contextualização histórica da Alternância e Educação do Campo. As narrativas foco deste trabalho e alguns diálogos.

Assim convido a vocês para caminhar entre as serras da zona a Mata.

2. Essas Serras

Neste momento vamos apresentar de forma sintetizada as características do contexto geográfico da região, braço mais ao norte das Serras da Mantiqueira, onde se inserem as duas escolas do campo: as Escolas Famílias Agrícolas Serra do Brigadeiro e Puris, de Ervália e de Araçuaia, respectivamente.

O Estado de Minas Gerais de acordo com o IBGE é o segundo maior do Brasil no que se refere em população e o quarto em extensão territorial, conhecido por suas comidas e tradições típicas do interior. Este está subdividido em 853 municípios, é o Estado que tem maior número de municípios sendo este, composto em sua maioria municípios de pequeno e médio porte. O Estado se divide em 12 mesorregiões sendo; Campo das Vertentes, Central Mineira, Jequitinhonha, Metropolitana de Belo Horizonte, Noroeste de

Minas, Norte de Minas, Oeste de Minas, Sul e Sudoeste de Minas, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Vale do Mucuri, Vale do Rio Doce e Zona da Mata.

A Zona da Mata Mineira uma das mesorregiões de Minas Gerais, está composta por cento e quarenta e dois municípios. Os municípios são em sua maioria de pequeno e médio porte. Estes, predominantemente, tem relevos montanhosos e muitos recursos naturais, sendo explorados desde o período colonial até os dias atuais, antes do período colonial sua população predominante eram os povos indígenas, assim como em todo o país, e para cá vieram milhões de escravizados trazidos de África.

Os municípios de Araponga e Ervália são pertencentes a Zona da Mata Mineira, a região tem o clima propício à agricultura em seu Bioma de Mata Atlântica. Esses fazem parte do atual o Território Rural da Serra do Brigadeiro, composto, além deles, por mais sete municípios, a saber: Divino, Fervedouro, Miradouro, Muriaé, Pedra Bonita, Rosário de Limeira e Sericita.

Na década de 1990 aconteceram discussões e articulações em torno da Criação da Unidade de Conservação na região, hoje conhecida como Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, legalizado em setembro de 1996. Em décadas anteriores já havia uma demanda de criação dessa Unidades de Conservação e implantação de políticas públicas de meio ambiente. Essas discussões, do ponto de vista popular, em relação à criação envolviam várias organizações, tais como: Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, Universidade Federal de Viçosa, dentre outras. Em seguida, ocorreu a criação do Território Rural da Serra do Brigadeiro, nos anos de 2000, com fim de contribuir no desenvolvimento rural sustentável dos municípios que estão na figura abaixo e são pertencentes a Política Nacional de Territórios gestada pelo Governo Federal.

Na imagem a seguir podemos perceber os municípios pertencentes ao Território e ao mesmo tempo, a proximidade do Município de Araponga e Ervália, como os dois estão ligados por uma proposta educacional, mas também pelos limites geográficos. Se tornando municípios que traçam horizontes e fronteiras.

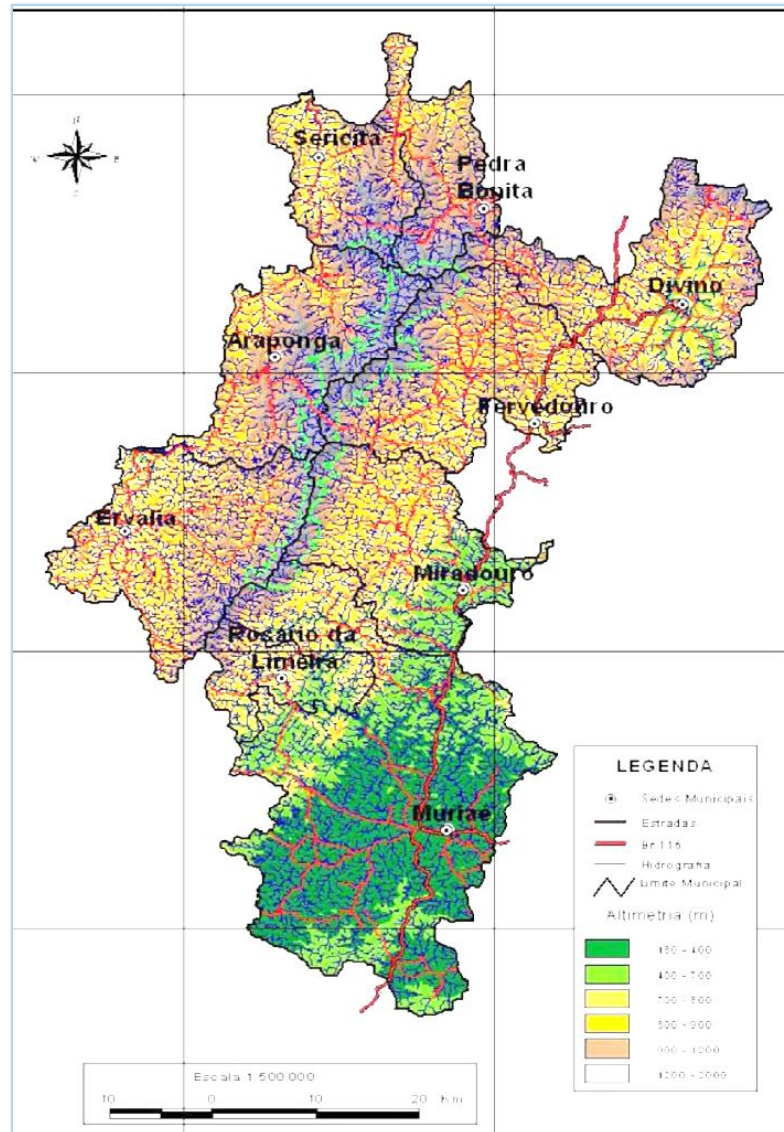


Figura 1- Mapa planialtimétrico dos municípios que compõem o Território Rural da Serra do Brigadeiro. Fonte: CTA-ZM, 2004.

O Mapa acima nos mostra os limites territoriais dos dois municípios citados nele podemos observar como as regiões estão próximas de em seus limites geográficos. Além da proximidade geográfica temos a proximidade de políticas territoriais.

As Políticas Territoriais foram construídas com organizações sociais e o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), sendo executadas pelo mesmo Ministério e conselhos gestores, estas políticas contribuem no fortalecimento iniciativas de desenvolvimento social que tem propósito de combate à miséria e à fome (FREITAS, 2011). A construção de Territórios Rurais vem contribuindo no desenvolvimento local das comunidades que a ele pertence apoiando iniciativas populares, dessa forma

beneficiaram as construções das duas escolas do campo, objeto de nossa análise. A EFASB inicia as atividades escolares em 2007 e a EFA Puris em 2008, uma vez que, por meio de suas associações conseguiram montar projetos para as chamadas públicas pela Secretaria do Desenvolvimento Territorial do MDA com vistas à viabilização dos recursos de infraestrutura, como a construção da escola e aquisição de equipamentos (VIEIRA, 2009).

O TRSB cumpriu um papel importante para o processo de implantação dessas escolas colaborando na articulação local e regional, na discussão do desenvolvimento sustentável e Educação do Campo, conjuntamente realizando a discussão dos projetos uma vez que essas também buscavam recursos para consolidar a infraestrutura escolar para as suas atividades escolares e comunitárias. A participação dos municípios no conselho do TRSB, contribuíram no fortalecimento das duas Escolas no que se refere ao conhecimento da alternância, colaboração das comunidades, através dos diálogos estabelecidos.

Uma vez que essas escolas se baseiam na organização local e desenvolvimento sustentável, essas experiências educativas tem despertado muitos educadores a se aproximarem e a contribuir em suas ações educativas. É dessa forma que a autora se envolveu com essas experiências. Logo se faz necessário compreender a origem dessas escolas foram na França, onde sua experiência pioneira colaborou para motivação e criação de outras, bem como na pedagogia socialista da União das Repúblicas Socialistas Soviética.

Anterior a essa compreensão vamos conhecer mais sobre os municípios de Araponga e Ervália para que possamos compreender ainda mais o contexto em que se encontram as EFAS estudadas neste trabalho.

2.1. Conhecendo um pouco mais.

A região da Zona da Mata Mineira é uma mesorregião do estado de Minas Gerais que se encontra próxima ao litoral dos estados Espírito Santo e Rio de Janeiro. Essa localização favoreceu a exploração de riquezas minerais e naturais que se iniciou no período colonial e se perpetua até os dias atuais, com intuito alimentar o mercado financeiro internacional (BARBOSA, 2005).

Dentre os primeiros povos do município de Araponga estavam os povos Puris e Cataguás, que logo se miscigenaram com a negritude trazida de África compondo uma

nova formação sociocultural que podemos denominar, segundo Barbosa (2005), ameríndiafricana. Essas populações desenvolveram práticas de agricultura que visavam garantir a sua sobrevivência a partir do conhecimento e tecnologias locais. Essa região tem o relevo montanhoso lugar propício a esconderijos, fugas, onde se concentraram povos indígenas conhecidos como Puris que estabeleceram suas moradas nessa região (OLIVEIRA, 2014).

No século XVII ocorreram as várias expedições e ocupações realizadas por colonizadores que marchavam em direção a Serra do Ipiranga, em busca de aprisionar indígenas e explorar minérios. (OLIVEIRA, 2014).

O município teve seu território habitado, posteriormente, por membros de expedições oficiais destinadas à colonização do solo mineiro e por mineradores saídos de Mariana e Ouro Preto. Por volta de 1780, a expedição comandada pelo Capitão Manoel Luiz Branco aportava naquele local onde muitos se fixaram. (ZANELLI, 2009.p.44).

O município antes de ser nomeado de Araponga, teve o nome de São Miguel das Almas e Arrepiados. E, no fim do século XVIII, com a distribuição das sesmarias se adensou populacionalmente o povoamento da região. Tal nome foi dado ao município por influência da construção de uma capela, como nome de São Miguel do Anta e Alma dos Arrepiados. Na imagem abaixo temos destacado o município de Araponga.



Figura 2: Mapa da localização do município de Araponga.

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2013.

De acordo com IBGE 2010 Araponga município que tem uma população de 8.152, possui uma área de 303,793 km². Sua população rural é 5.122 (63%) e a urbana é de

3.043 (37 %). O município tem como principais fontes de renda e atividades econômicas a cafeicultura e pecuária. E depois da criação do Parque começou a desenvolver atividades de Turismo comunitário. Atualmente a cidade tem em sua maioria a população rural habitando várias comunidades dentre elas destaco a de Novo Horizonte, onde funciona a EFA Puris.

O município tem uma forte ancestralidade Puri, no entanto, não tem aldeias mas existe hábitos socioculturais, traços físicos apesar do povo Puri não ser homogêneo. A matriz indígena que se identifica neste município se mostrou marcante e ao mesmo tempo um fator importante nas organizações sociais, na luta por melhores condições de vida. (BARBOSA, 2005)

A Comunidade Novo Horizonte nasce da luta pela conquista de terras no município de Araponga, esta comunidade ao se constituir estabeleceu um espaço para construir a EFA sonho já iniciado nos anos 1990 em Viçosa na comunidade da Colônia mas que não foi possível continuar nesta comunidade.

Araponga faz divisa ao sul com o município de Ervália, este faz parte da microrregião de Viçosa. De acordo com IBGE (2010) o município atualmente conta com a população de 17.946 habitantes, dividida em 9.470 na área urbana e 8.476 na área urbana.

No início do século XVII colonizadores que se instauram com a entrada da Bandeira de Antônio Rodrigues Arzão, com intuito de exploração de metais preciosos. Nesse novo núcleo de habitantes constitui-se a Capela Nova. Anos depois em 1886 ocorreu o desmembramento do município de Ubá, passando em a se chamar São Sebastião do Herval. (IBGE, 2013)

Em 1938 ocorreu seu desmembramento do município de Viçosa, passando a originar dois distritos Erval e Araponga. Posteriormente se desmembrou de Araponga ficando dois municípios Ervália e Araponga. A comunidade de Dom Viçoso, o dito Grama, pertencente a Ervália onde se localiza a EFA Serra do Brigadeiro, de acordo com relatos orais, já foi motivo de disputas e litígios de território entre estes dois municípios no início do século XX, diz-se: onde está a comunidade era da área de Araponga e foi registrada como pertencente ao município de Ervália. Na imagem abaixo temos em destaque o município de Ervália.



Figura 3: Mapa da localização do Município de Ervália

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2013.

Nestes dois municípios, identificamos organizações sociais e comunitárias, temos organizações comunitárias como Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, cooperativas da agricultura familiar, grupos de artesanato, pastorais dentre outras, pela experiência de vida e profissional a presença feminina é significativa, no entanto na história oficial muitas vezes não recebe a visibilidade significativa.

No que se refere no caso das Associações Escolas Famílias deste trabalho as mulheres desempenharam um papel importante na implantação das Escolas, sendo na organização do espaço físico e no processo formativo das pessoas. Logo é necessário compreendermos o contexto onde se insere essas duas escolas.

As Escolas Famílias Agrícolas se caracterizam como experiências de Educação do Campo. O contato com essas experiências de educação, se relacionaram em vários momentos a vida da autora. Nos anos de 2008 tive a oportunidade de iniciar uma novo percurso de vida profissional após a graduação em Pedagogia, inserida no lato sensu em Educação na Universidade Federal de Viçosa. Iniciei uma viagem em com destino a Comunidade do Grama, durante o trajeto ao olhar aquele caminho que percorria muitas voltas e montanhas até chegar, à conhecida Grama pertencente ao município de Ervália - MG que faz divisa com Município de Araponga -MG.

A chegada foi acolhedora e fui recebida por dois monitores da Escola Família Agrícola Serra do Brigadeiro, lugar onde passaria os anos de 2008 a 2011 trabalhando como monitora da EFASB. A comunidade é pertencente ao Território Rural da Serra do

Brigadeiro, no município de Ervália - MG. A comunidade aparentemente um lugar calmo, sua população é acolhedora.

A EFASB está situada em uma região montanhosa, em entorno do Parque da Serra do Brigadeiro, que teve a sua implantação na década de 1990. A escolha do nome da escola se deu com o foco de valorização do Parque e com objetivo de atender os municípios que fazem parte do Território.

A Escola Família Agrícola Serra do Brigadeiro que iniciou as atividades escolares no ano de 2007 e a EFA Puris em 2008, tiveram o envolvimento das associações na busca de projetos que viabilizassem recursos, essas possibilidades foram encontradas nos editais da Secretaria do Desenvolvimento Territorial do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) com vistas à viabilização dos recursos de infraestrutura, como a construção da escola e aquisição de equipamentos (VIEIRA, 2009).

Na foto a seguir podemos observar a Escola Família Agrícola Serra do Brigadeiro, apesar de não ter tido acesso a fotos que nos mostre a situação anterior do terreno antes da implantação da escola, podemos relatar algumas mudanças, observadas de relatos orais. No início esse terreno só tinha sua estrutura de vargem, um lugar com casas só no “patrimônio”, e não ao lado do terreno da escola.

Após a construção da Escola, a comunidade conseguiu uma quadra que fica ao seu lado, sendo esta comunitária, construída pelo poder público municipal em parceria com Governo Federal. Ao longo dos anos foram construídas moradias do lado da escola, a esquerda foi adquirido um terreno.

Esse proporcionou um maior desenvolvimento de práticas, possibilitando aos estudantes desenvolver práticas agroecológicas, capacitando os jovens e as jovens a desenvolver práticas de agricultura diferente das práticas da monocultura, de modo a promover a interesse da família. Na foto a seguir vemos pequenas mudanças entorno da escola, como a casa e a quadra comunitária e o terreno adquirido pela escola ao lado para que está sendo preparado para cultivo.



Figura 4: Vista da Escola Família Agrícola Serra do Brigadeiro

Fonte: Manuela de Almeida

A Escola Família Agrícola Puris, situada na comunidade de Novo Horizonte inicia o seu sonho e sua caminhada no município de Viçosa, quando um grupo de agricultores e agricultoras se organizam juntamente com organizações sociais, em prol de gerar uma educação que estava conectada aos desafios e realidade do campo. Essa ação se deu nos anos de 1996, na comunidade de Nobres, em Viçosa, MG onde se constituiu a Comunidade Educacional Popular Agrícola, mais conhecida como CEPA. O terreno onde a CEPA se localiza era pertencente à igreja a Associação mantenedora na época.

Anos depois esse sonho tem a sua continuidade no município de Araponga na comunidade Novo Horizonte, onde a sua conquista não é somente de uma escola, mas de uma comunidade que se forma pela luta ao acesso a Terra, sendo realizada compra conjunta de Terras, e nesse espaço é priorizado um lugar para construção da EFA, outro fator que devemos destacar é a ancestralidade Puri dessa comunidade, onde neste momento se desenvolve nessas terras atividades da agricultura familiar.

A retomada da terra e preparo para a construção da EFA, durante esses seis anos de existência gerou um impacto na vida das pessoas que ali, moram deram a vida, aos

espaços onde elas vivem, podemos observar o impacto desta proposta da educação no meio onde ela está inserida. Gerando vida, desde a população vegetal até a humana.

Nas fotos podemos visualizar o impacto da luta pelo acesso à terra que se encontrou com a luta pela educação, gerou lindos frutos, transformando a paisagem, dando cor e vida a terra que se mostrava totalmente devastada, ganha a presença de vegetação e seres vivos diversos. Na imagem abaixo temos o local antes da implantação da escola percebe-se que ausência de vegetação e moradias, solo degradado e sem vida. Na foto abaixo desta já podemos visualizar as mudanças ocorridas no local depois da implantação da Escola Família Agrícola Puris.



Figura 5: Comunidade Novo Horizonte, Araçuaia – MG em 2003.
Fonte: Arquivo EFA PURIS.



Figura 6: Comunidade Novo Horizonte, Araponga – MG em 2009.
Fonte: Fabricio Vassali Zanelli

Nas imagens acima percebemos que o desenvolvimento de um projeto educacional quando ligado a realidade e as necessidades do meio em que ela está, traz transformações na paisagem do local onde ela está inserida.

2.2. Gerando a pesquisa

“Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir.” (CORALINA, Cora).

Este trabalho de pesquisa é fruto de um montanhoso caminho entre Serras que a autora percorreu junto à Educação Popular do Campo. Minha inserção social neste campo se deu pelos diversos fios de uma teia de relações estabelecida durante a Graduação em Pedagogia, cursada na Universidade Federal de Viçosa (UFV) entre 2003 e 2007, seja como militante do Movimento Estudantil, seja nas articulações do Programa de Extensão Universitária Teia/UFV (PROEXT/MEC/SESu), vinculadas aos Movimentos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra, ao Movimento dos Atingidos por

Barragens, ao Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais da Zona da Mata mineira, às Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) e ao Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, dentre outros movimentos sociais e organizações comunitárias. Nesse contexto, a autora teve também a oportunidade de fazer parte do Grupo de Pesquisa-ação Educação e Ambiente - ECOPEDAGOGIA do Departamento de Educação/UFV e, teve um maior engajamento com a Pedagogia da Alternância através do Projeto FinaEFA _ Filosofia na Escola Família Agrícola Paulo Freire.

É na caminhada junto às EFAs que a autora percebe que a questão da criação dessas escolas está bem próxima a ela, pois desde a Graduação onde realizava trabalhos em projetos com as Escolas Famílias Agrícolas, se inseriu em ações que posteriormente, vieram a dar frutos na concretização dessas escolas do campo. Por exemplo em de 2005, acompanhou alguns momentos de discussão da Associação da Escola Família Agrícola de Ervália (AEFAE) sobre a criação da Escola Família Agrícola Serra do Brigadeiro (EFASB). Inclusive, ao realizar o Estágio Supervisionado de Coordenação e Gestão Escolares, junto à EFA Paulo Freire, ocorreram atividades de formação com a participação da AEFAE e da AEFA Puris de Araponga; ainda no período de graduação também participei da Articulação Regional das Escolas Famílias Agrícolas, durante o ano de 2005 acompanhei em vários momentos a discussão da criação da Escola Família Serra do Brigadeiro, que posteriormente viria a ser seu lugar de trabalho. Essa articulação resultou, após concluída a graduação, em um trabalho, concomitante às suas responsabilidades profissionais docentes, como Pesquisadora de Apoio Técnico financiado pela FAPEMIG.

A partir desses contatos que ela foi se envolvendo e se encantando por essa experiência educativa, e, ao formar foi trabalhar na EFASB como monitora. No dia a dia da escola, se fortalecia ao ver que mesmo diante das dificuldades estruturais e financeiras para se manter uma escola do campo, a mesma consegue realizar práticas pedagógicas muito significativas para com os que ali estão.

Poderia apontar como exemplo várias experiências vividas intensificadamente, nesse lugar. Lembrar das caronas que necessitava para deslocar-se da comunidade até outros lugares uma vez que o acesso ao transporte era mais difícil, das dificuldades de aceitação na comunidade dos valores diferentes do meu mas que ao mesmo tempo se aproximava de seus familiares como hábitos alimentares e formas de tratamento.

E diante daquelas serras que ora se mostravam reveladoras por meio de práticas culturais e educativas, como atividades realizadas para e com a comunidade, no contexto onde se insere a escola, ao mesmo passo que se deparamos com a dificuldade de aceitação ao pensar e fazer de várias Marias, que em muitas vezes era mais em relação ao modo de como interpretavam e pensavam o lugar e as práticas do que seu fazer.

Em um trabalho monográfico da Especialização Lato Sensu em Educação/UFV realizado no ano de 2009, a autora trata de algumas questões relacionadas aos fundamentos e princípios da escola, ou seja questões internas da EFASB, que de certa forma, se relacionam com externo. Neste destaque três pontos: **i.** relações, **ii.** recursos, **iii.** formação.

A respeito das relações refiro a convivência, articulação dos trabalhos entre monitores, educandos(as) e com a Associação Escola Família Agrícola de Ervália (AEFAE); dos recursos refiro a condições materiais e imateriais para garantir o funcionamento da EFASB; e da formação compreendendo esta como profissional e humana, enfim, omnilateral e multidimensional. (VIEIRA, 2009, p.15).

Já nesta dissertação a autora busca, a partir de narrativas orais de três mulheres Marias, destacar algumas dimensões externas ao processo de gestão e das práticas pedagógicas. Além disso considerar as categorias de comunidade, de relações de poder, de formação para a vida e de interrelação entre EFAs.

A autora foca sua atenção no que várias vezes te despertou o olhar, a saber: a necessidade de compreender o processo de formação das Escolas Família Agrícolas e qual a importância desse fato na vida dessas mulheres protagonistas que busca concretizar um sonho e um direito de acesso à educação em suas comunidades, para seus filhos e filhas e outros jovens, uma vez que, os próprios não tiveram amplo acesso à escolarização. Por isso, aqui consolidamos um pouco das visões de pessoas que estiveram engajadas nessas criações, no caso, das EFAs de Araponga e de Ervália, uma vez que ambas participam do Território Rural da Serra do Brigadeiro, tendo inclusive se beneficiado de financiamentos dessa Política Pública para efetivarem suas construções físicas.

Durante o período de Trabalho na EFASB, conforme exponho adiante, foi possível desenvolver o trabalho de Apoio Técnico referido, o que contribuiu na consolidação de ações organizacionais e formativas dessas escolas do campo de forma coletiva. Fortalecendo-as de modo a contribuir com uma visualização das problemáticas

e caminhos possíveis a serem construídos. Um dos frutos desse trabalho foi a confecção de um Caderno dos Planos de Formação das EFAs, numa parceria entre o DPE/UFV, o CTA-ZM e a Associação Mineira das Escolas Famílias Agrícola (AMEFA).

Diante dessas várias pontuações citadas acima, é importante salientar que este trabalho tem como intuito visualizar a formação dessas duas EFAs a partir de Marias que se engajaram nessa construção histórica e que a partir do olhar aqui apresentado apontam a necessidade de se buscar melhor entendimento coletivo, ao menos do espírito de comunidade, das relações de poder, da formação para a vida e para a interrelação entre as escolas.

2.2.1 Uma educadora na comunidade

Vou começar imaginando onde fixei meu primeiro olhar, ou melhor, quais foram os primeiros olhares que me olharam e que atraíram o meu. (GROSSI, Esther Pillar. 1994, p. 22).

A vida e a profissionalização da autora enquanto educadora, nos anos de 2008 a 2011, acontece na Comunidade Rural popularmente conhecida como Grama, mas denominada Dom Viçoso, no município de Ervália, na Zona da Mata de Minas Gerais. Ali, atuou como monitora de História, Artes e nos últimos anos nesta na instituição concomitante como Supervisora Educacional. Nessa comunidade se consolidou, no ano de 2007, a Escola Família Agrícola Serra do Brigadeiro, que já vinha se organizando desde os anos 2000, como já citado anteriormente.

Ocorreu na região, nos anos de 1990, uma mobilização educativa oriunda da Arquidiocese de Mariana que resultou, entre outras coisas na criação das Comunidades Educacional Popular Agrícola (CEPA) em articulação orgânica com as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), após esse primeiro chamado, a consolidação dos projetos dessas duas escolas do campo se dá coletivamente uma vez que nos anos 1990 há movimentos e organizações que se sensibilizam na criação do Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, onde já emergia a necessidade de uma formação e educação para a agroecologia, uma forma de desenvolvimento sustentável. Barbosa(2005) em sua tese de doutoramento nos aponta existência de movimentos sindicais e comunitários antes da década de 1990 entorno da criação do Parque Estadual com a preocupação com cuidado ambiental.

Ao longo da vivência no trabalho das alternâncias, a autora presenciou e vivenciou muitos trabalhos coletivos realizados por homens e mulheres, mas na maioria dos momentos discursivos colocações femininas nem sempre recebiam a mesma conotação. Será que essa questão se dava somente no contexto da EFASB? Seria simplório dizer sim.

Ao ver em vários momentos que nas atividades da articulação das EFAS, era significativa a presença e participação dessas mulheres ao mesmo passo que também eram invisibilizadas pelo cotidiano, pois, mesmo tomando a frente de muitas questões práticas a receptividade de seu modo de pensar era ouvido, mas ainda não tão aceito como os dos homens.

No âmbito da construção das EFAS do Território da Serra do Brigadeiro como é o entendimento feminino acerca de tal fato? Perrot (1989) nos alerta para a necessidade de olharmos para uma história de âmbito feminino, pois historicamente foi negado esse olhar, uma vez que na história tradicional se focava na guerra e na política cenários onde mulheres passavam despercebidas. Esse apontamento é importante, pois se faz necessário reeducar olhar e se permitir desnaturalizar o suposto natural. Afinal, no cotidiano ocorrem situações que levam a pensar e visualizar como comum aquilo que vem a ser discriminatório.

Então, além de compreender o contexto mais do lugar habitado pelo humano, o território, é necessário compreendermos aspectos de características geográficas onde se inserem essas escolas do campo de modo a nos contextualizar melhor.

2.2.2. Caminhos metodológicos:

O processo de trabalho deste estudo abarcou levantamento bibliográfico e imagético, caderno de campo, consulta documental e entrevistas-conversas. A construção do processo investigativo foi realizada uma pesquisa bibliográfica em fase exploratória, que se definiu como uma revisão de literatura sobre o tema Educação do Campo e Alternâncias Educativas, compreendendo o período de 1998 a 2012. De acordo com Oliveira (2007) a pesquisa bibliográfica é considerada uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio científico.

Foi utilizado o Caderno de Campo que tem como propósito ser subsidio, registro e memória, com anotações do período vivencial, mesmo anterior a esta sistematização e do momento da pesquisa. Concomitante tive o uso da pesquisa documental. Enfim, que

consistiu na construção da amostra, a partir da consulta e análise documental, diálogos de orientação acadêmica e com as comunidades, assim se delimitou melhor as agricultoras que foram convidadas a participar do trabalho, conforme Nota 6. A proposta inicial de trabalho foi apresentada às participantes através de uma conversa, posteriormente apresentado o termo de consentimento aprovado pelo conselho de ética da Universidade e realizadas as entrevistas.

O roteiro das conversas se caracterizou por uma entrevista semi-estruturada que, de acordo com Rosa & Arnoldi (2006), se caracteriza por uma elaboração de questões que sejam flexíveis e as pessoas possam discorrer livremente sobre o assunto, verbalizar seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados, sendo os questionamentos mais profundos. Posterior a esse processo, foi realizada a sistematização das informações, um momento de organização de todo o material, inclusive das transcrições, em arquivos e pastas de modo a preservar a memória do material. Após essa fase de organização, foram realizadas análises tendo como base os estudos de gênero e de história oral. Em seguida após o processo de defesa da dissertação, se prevê a devolução social que se caracteriza como um compromisso firmado com comunidade ou grupo participante da pesquisa em retornar aos sujeitos o material gerado (Meihy & Holanda,2007).

3.Fios por uma Educação do Campo

Essas duas escolas são parte de várias experiências educativas em que encontramos a Educação do Campo no Brasil. Essas experiências se identificam como escolares e não escolares em diferentes patamares. Desse modo para compreendermos um pouco dessas experiências este capítulo nos dará alguns elementos da história da Educação do Campo, com o foco em desvelar sujeitos universi-locais e relações alternantes.

Nesse sentido iremos conhecer um pouco sobre as três Marias que se inserem na luta por uma Educação do Campo. Buscando compreender um pouco das suas histórias, as relações de gênero e conhecendo os aspectos da Educação do Campo.

3.1. Entre essas três Marias

“Dizem que a mulher é o sexo frágil. Mas que mentira absurda”! (Erasmus Carlos).

As Três Marias popularmente conhecidas são o conjunto de três estrelas que fazem parte do cinturão da constelação de Orion, considerado pela mitologia Grega um grande Guerreiro. Nesse sentido compreendo que essas Marias, aqui homenageadas metaforicamente, também são grandiosas e guerreiras, seja do fazer do dia a dia aos trabalhos no âmbito dos Movimentos Sociais.

Neste trabalho tenho como orientação as três Marias. As três marias como já citada faz parte de uma constelação, essa foi e ainda são utilizadas por povos originários e tradicionais para se orientarem. Os navegantes em muitos momentos utilizavam também para orientar para qual hemisfério seguiria na sua viagem, as populações indígenas e praticamente todos os povos originários e tradicionais, utilizam as estrelas como orientadoras em várias atividades de suas vidas. As informações sobre essas mulheres foram consultadas no site da organização feminista Sempre Viva Organização Feminina.

Nesse sentido foram adotadas, por analogia, essas três Marias, mulheres brasileiras que lutam por algum tipo causa na sociedade, assim, para apresentarmos um pouco da experiência de vida dessas mulheres-símbolo para posteriormente apresentar as Marias específicas do nosso trabalho vamos contextualizar essas mulheres na sociedade brasileira: a) Margarida Alves, trabalhadora rural, ocupou o cargo presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande, município do Estado da Paraíba. Em 12 de agosto de 1983, Margarida Maria Alves, foi brutalmente assassinada por um pistoleiro a mando de usineiros da região do Brejo paraibano. Mulher pioneira nas lutas dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Se tornou inspiração para outras mulheres do campo. Sendo o símbolo da Marcha das Margaridas na qual muitas trabalhadoras rurais organizam suas pautas e lutas. b) Maria da Penha, farmacêutica bioquímica com mestrado em parasitologia. Moradora de Fortaleza, Ceará. Mãe de três filhas, foi casada com um Economista que era seu agressor. No ano de 1983 levou um tiro nas costas, quando estava deitada, dado pelo seu marido que simulou ter sido vítima também. Anos mais tarde depois de várias cirurgias e meses de hospital, presa para o resto da vida a uma cadeira de rodas, ela sofreu um segundo atentado dentro do banheiro da casa. O marido tentou

eletrocultá-la, mas não conseguiu pois ela gritou e a babá das filhas apareceu no momento. Anos mais tarde foi homenageada por sua luta contra a violência as mulheres com a lei à Lei 11.340 em 2006, que passa a ser reconhecida como Lei Maria da Penha. A Lei Maria da Penha responsabiliza autores de ameaças, agressões, assassinatos embaixo do guarda-chuva da violência doméstica. c) nossa última Maria é Maria Bonita, conhecida como a companheira de Lampião. Essa jovem residia em uma pequena fazenda em Santa Brígida, Bahia. De família humilde a jovem casou-se muito cedo, mas seu casamento não foi a frente. Anos depois se tornou a companheira de Lampião e a primeira mulher a fazer parte do grupo do cangaço. Teve uma filha com Lampião, a Expedita. No dia 28 de julho de 1938, durante um ataque ao bando um dos casais mais famosos do País foi brutalmente assassinado. Segundo depoimento dos médicos que fizeram a autópsia do casal, Maria Bonita foi degolada viva.

As três Marias que nos orientam nesse trabalho: a) Maria Margarida, agricultora do município de Paula Cândido, mãe de dois filhos e duas filhas, militante, participa de Centro de Tecnologias Alternativas, do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, do movimento de igreja, terapeuta. Possui uma narrativa expressiva, conta a história como se espontaneamente vivida, como estivesse acontecendo naquele momento, olhando nos olhos. Tem uma história de vida que se encontra com muitas agricultoras desse país, busca viver com dignidade no Campo, mostrando que a vida no campo é um grande aprendizado. Tem uma forte característica de liderança política, se envolveu nas fundações do STR, do CTA, da CEPA e já foi vereadora pelo Partido dos Trabalhadores do Município Paula Cândido. b) Maria da Penha mãe de uma filha e dois filhos, ex-moradora da comunidade rural da Grama, em Ervália, sócia fundadora da Associação Escola Família Agrícola de Ervália (AEFAE), criou sua filha e seus filhos sozinha, ao longo da sua vida, saiu e voltou da Zona Rural para criar seus filhos, sempre lutando. Além de lutar pela sua subsistência e de seus filhos enfrenta também o preconceito de ser uma mulher de força, tendo que enfrentar o machismo nas relações sociais por ser uma mulher que cria os filhos sozinha. Muitas vezes expõe com firmeza suas opiniões mesmo que não seja escutada. Mas que para além do ressentimento que tem, sente orgulho por fazer parte desse projeto de educação e por ter vencido a luta de criar os três filhos, sendo que sua filha, a mais nova, teve sua formação no Ensino Fundamental e Ensino Médio nas Escolas Famílias Agrícola Serra do Brigadeiro e Puris. Hoje está em Curso Superior de Letras na Universidade Federal de Viçosa, desenvolvendo um projeto de pesquisa relacionado sobre as Escolas Famílias Agrícolas. c) Maria Bonita agricultora

agroecológica, moradora da zona rural, militante, participa de Sindicato, CTA, mãe de uma filha e um filho, estudante de contabilidade, Sócia da Rede Raízes da Mata. Atualmente é uma das coordenadoras da nova rede de produtos agroecológicos de Araponga. Tem em sua formação de militante a referência da figura paterna na qual ela acompanhava e ia aprendendo os seus próprios passos. Também esteve inserida na Compra Conjunta de Terras da Comunidade de São Joaquim, que daí se denominou Novo Horizonte, local onde está construída a EFA Puris.

3.1.1. Um pouco de Gênero

Para problematizar as diferenças construídas socialmente entre homens e mulheres, que muitas vezes são naturalizadas, é necessário incorporar na análise a perspectiva de gênero. (FILHO et al, 2010. p.5).

Em vários momentos, autora durante sua experiência profissional EFASB, ouvi na comunidade e de alguns colegas de trabalho “você não deveria pegar carona com ele, vai ficar mal falada”. Às vezes ouvia piadinhas que nos deixam em situação desconfortável, mesmo assim, a essas piadas busquei sempre colocá-las em xeque, em outras situações isso nos põe a pensar que se não fosse uma mulher mas sim um homem, essas situações seriam vistas de uma maneira *natural* e em relação as piadinhas, talvez nem aconteceriam.

A participação das mulheres nas reuniões seja da AEFAE, das EFAs e demais espaços relacionados a esses trabalhos ainda que tem um lugar restrito ou recebe uma atenção diferente das opiniões masculinas. Além dessas questões temos diversas situações que poderiam ser mencionadas que variam também das posições que cada uma assume. Essas são algumas questões dentre várias que ouvi.

Essas situações sociais citadas estão ligadas a concepção de homem e mulher que encontramos na sociedade, tendo em muitas situações reproduzido a relação de poder entre eles, sendo uma submissa ao outro, expressando uma oposição do masculino e feminino.

Pedro (2005) nos atenta que é necessário repensar essas relações de Gênero uma vez que ser homem e ser mulher, não é meramente uma condição biológica. E que muitas concepções presentes na sociedade são utilizadas para colocar as mulheres em condições de submissão.

De acordo com a FAO 1998 o gênero está relacionado às características e qualidades que uma sociedade constrói sobre um determinado sexo, mas estes dois não são iguais, eles se relacionam. O sexo está ligado a uma condição biológica e o gênero a valores e qualidades que foram gerados e consolidados socialmente.

Nos estudos sobre os movimentos feministas nos indica que a utilização do termo Gênero emerge como uma forma de discutir essas relações de modo a questionar a universalização da figura masculina. “Até hoje é muito comum na nossa fala ou na escrita, quando nos referimos a um grupo de pessoas, mesmo sendo em sua maioria mulheres, mas tendo apenas um homem presente, usamos o termo plural masculino” (PEDRO, 2005, p.80).

Em meados do século XX o movimento feminista dialogava sobre essa universalização da forma masculina na escrita e no discurso e do fato de não serem contempladas por esses discursos. Dessa maneira se fazia necessário construir uma identidade, onde elas se tornasse sujeitas de suas escolhas.

A utilização do termo mulher também foi motivo de problematizações uma vez que as mesmas entendiam que existia entre as próprias existiam muitas diferenças. Sendo mais propício a utilização de mulheres. A questão de gênero nos remete há muitas questões, mas nesse trabalho nos traz uma reflexão que mesmo a proposta de educação que trabalha com a emancipação e formação humana temos muito a conversar no que se diz respeito a participação e valorização das experiências das mulheres.

Uma vez que a educação tem uma forte trajetória feminina seja na responsabilidade acarretada historicamente de educar os filhos e filhas, bem com a inserção na educação formal. Inicialmente no Brasil no século XX o docência deixou de ter sua maioria masculina, e foi projetando a feminilização do magistério, pois universalização do ensino e a baixa remuneração foi afastando o público masculino.

Mas nesse trabalho não vamos discutir a questão docente, mas é só para fazer uma observação sobre a presença do feminino na educação, pois assim como tem uma efetiva participação no processo escolar, elas também tem no processo não formal.

Desse modo é notável em vários momentos a participação de mulheres em reuniões do movimento, assembleias, na organização de documentos, nas atividades mais triviais, no entanto não é em muitos momentos valorizada essa participação ou enxergamos, ou melhor não aparecem como parte desse espaço. Perrot (1989) nos chama atenção para essa questão que durante a história tradicional as mulheres tem pouco espaço, pois o foco é na política e na guerra, locais onde ligeiramente aparecem.

Para Scott (1990) a feminilidade e a masculinidade, são construções históricas. Nesse sentido podemos dizer que o que nos forma enquanto homens e mulheres são as nossas vivências, experiências e as projeções sociais.

No meio rural há uma projeção da figura feminina muito forte, no que se refere atividades de trabalho, pois a mulher tem desde da infância apreende os papéis sociais, mais demarcados, assim se prepara para os afazeres domésticos. No entanto, muitos são os espaços que encontramos exemplos de mulheres que tem lutado por seus direitos, pelo acesso à terra e dignidade, pelos direitos concedidos a todos cidadão e cidadã.

Essa busca por igualdade de direitos é pontuada por Tilly (1994), nos anos de 1970 e 1980 o feminismo ressignifica as suas lutas pontuando; a) a luta pela igualdade dos sexos, b) a busca do reconhecimento que a condição das mulheres é uma construção socialmente e historicamente; e c) o reconhecimento das mulheres enquanto um grupo social e apoio as suas lutas.

Essa luta pela igualdade de direitos também é intensa no campo, a agricultura familiar é um dos setores que produz 38% do valor do bruto do produto gerado, ocupando somente 24,3% da área total de estabelecimentos agropecuário, além sua produção ser destinada a produção de alimentos básico para alimentação da população brasileira (IBGE, 2006).

Essa produção agrícola tem uma participação significativa das mulheres, mas na sociedade não considera-se tanto esse fator, não valorizando-a como deveria. Isso é fruto também das relações sociais que produziu e em muitas vezes produz uma condição de inferioridade. Fortalecendo a ideia de que o trabalho feminino tem um lugar inferior na sociedade, que serve para complementar o trabalho do outro, observemos a citação a seguir.

A agricultura familiar brasileira é caracterizada pela participação de todos membros na produção do grupo familiar, entretanto é dado ênfase na figura do homem pleno como o principal membro deste grupo, isto é aquele que detém o conhecimento e domínio de toda cadeia de produção de sua propriedade. Esta condição demarca o papel da mulher como coadjuvante na relação de produção e de entendimento e apropriação das técnicas de produção. Esta incoerência de gênero é um fato decorrente ao longo história de sublevação do papel da mulher na sociedade. (FILHO et al, 2010.p.5)

Situações como essas são reforçadas pelo sistema capitalista, entendendo que o trabalho doméstico, o cuidar da família, as atividades em propriedades de subsistência,

não são produtivos. Estabelecendo uma relação de desvalorização do trabalho da mulher, e essa visão reflete em outros âmbitos da vida dessas mulheres (MAIA & LOPES, 2001).

De acordo com DALMINA et. al. (2007) a participação das mulheres nas atividades agropécuaras são de 13% a 40% diariamente, logo isso nos demonstra atuação significativa na produção, sendo seu trabalho tão importante quanto ao do homem. Se a produção de alimentos que está ligada a alimentação da população.

Mesmo diante das questões relacionadas a cima temos que nos atentar que há várias iniciativas de mulheres, que nos mostram novas formas de se relacionar e promover novas relações sociais. No caso deste trabalho vamos ver nas narrativas dessas mulheres algumas possibilidades apontadas na Educação Campo, mas especificamente na Pedagogia da Alternância, por meio de suas experiências de vida.

Dessa forma no próximo tópico vamos conhecer um pouco do contexto da alternância para seguirmos adentrando à questão abordada, a saber, um olhar feminino sobre as alternâncias educativas.

3.2. Alternâncias Educativas

Para Brandão (1981) educação é uma prática social importante em nossa vida, está presente em todos momentos dela, de certa forma ela tem um propósito e uma intencionalidade que envolve decisões políticas e concepções de mundo, tendo em vista as diferentes conhecimentos e vivências de cada pessoa.

A educação é uma prática social (como saúde pública, a comunicação social, o serviço militar) cujo fim é o desenvolvimento do que na pessoa humana pode ser aprendido entre tipos de saber existentes em uma cultura, para a formação de tipos de sujeitos, de acordo com as necessidades e exigências de sua sociedade, em um momento da história de seu próprio desenvolvimento. (BRANDÃO, 1981, p. 73-74).

Nesse sentido a Educação é um processo que acontece na escola e fora dela, no entanto neste momento vamos nos ater ao acesso educação e a luta pela escolarização da população brasileira, especialmente a do campo.

As primeiras práticas de escolarização brasileira tinham como objetivo a catequização dos povos nativos do nosso país, com fim de domesticar e ensinar os valores dos povos europeus que vieram habitar esse país. Desse modo inicia-se a escolarização do nosso povo. De uma forma autoritária deixando de lado a sua cultura. Mas em

contrapartida longe dos espaços de escolarização tinham os processos educativos onde se perpetuava os saberes e ofícios de sua cultura (SILVA, 2006).

Alguns séculos depois as escolas primárias instaladas no Brasil tinham foco no ensino para alguns, as classes privilegiadas instruíam seus filhos, enquanto as classes desfavorecidas da cidades e do campo ficavam a margem do processo. E quando esses tinham acesso a escolarização era de forma diferenciada uma educação pautada em atividades de trabalho.

Mesmo tendo o padrão escolar havia sempre as práticas educativas vinculadas às diferentes realidades, nos diferentes momentos históricos.

Durante todos esses períodos tivemos ações populares de intervenção na ordem social, práticas reprimidas de participação social e política do povo que colocaram em ebulição os direitos políticos e sociais, antes que a cidadania e a sociedade civil se estabelecessem entre nós, e que tiveram nos camponeses(as) sujeitos protagonistas de várias dessas lutas e mobilizações. (Silva, 2006, p 65).

No final século XX tivemos o processo de ampliação da escola pública para todos, no entanto, muitas populações ainda sofrem com o não acesso a escolarização e muitas vezes quando tem o acesso, ao processo há a desvalorização da sua cultura. Além desse fator na década de 1990 o processo de municipalização contribuiu para que a escolarização de populações do campo ficasse mais difícil, pois o Ensino fundamental I passa a ser responsabilidade do município, logo para dar continuidade aos estudos o estudante tem que percorrer quilômetros em transporte escolar, uma vez que o segundo segmento do ensino fundamental II e Ensino Médio se localiza no meio urbano.

A municipalização tem uma forte impacto na vida dos estudantes e das estudantes do campo, uma vez que o acesso ao Ensino Fundamental II e Ensino Médio II estão concentrados no meio urbano, pois em períodos de chuva ou há épocas de colheitas em que o trabalho familiar é de extrema importância, para a subsistência familiar a uma baixa frequência nessas escolas. Havendo situações em que jovens diante dessas dificuldades e outras, acabam optando por mudar para cidade ou abandonar os estudos.

Além desses fatores quando continuam o processo de escolarização se identifica casos de desmotivação pela formação oferecida, descontextualizada e com parâmetros de referência da cultura urbana e desqualificando os saberes de vida dos sujeitos do Campo.

Essas questões se tornam muito semelhante a situação que levou o desenvolvimento da experiência Francesa identificada como pioneira da Pedagogia da Alternância, Maisons Familiales Rurales, sendo esta uma experiência de Educação do Campo.

As Alternâncias têm suas origens no território francês, na década de 1930. Nesse momento, o país passava por uma crise econômica e o campo se via em uma situação de abandono, é nesse contexto que, os jovens agricultores se deparavam com a seguinte situação de ter que decidir entre continuar os estudos ou abandoná-los para dar continuidade as atividades na propriedade familiar. Diante dessa questão, o pai de um jovem nesta situação, tem uma conversa com o Pároco onde explicita a sua preocupação, na conversa chegam a apontar uma possibilidade de formação para jovens onde se alternasse o tempo escolar e a vida familiar e produtiva, a partir dessa situação problema a começou-se a visualizar alternativas para uma proposta de educação.

O diálogo entre o agricultor, o seu filho que queria continuar os estudos e conciliar o desenvolvimento da propriedade, o interesse do padre em contribuir em propósito da formação, contribui para a proposta de escolas que não fique presa na sala de aula, articulando os ensinamentos da escola e da vida (NAWROSKI, 2012).

Nesse sentido, podemos dizer que a Pedagogia da Alternância tem seu marco histórico mundial no ano de 1935, em Lauzan na França, com a criação da primeira experiência da Maisons Familiales Rurales (MFRs), sendo um projeto de educação criado com o fim de possibilitar aos filhos de agricultores a oportunidade de continuar o processo de escolarização, valorizando o meio onde vive, trabalhando a partir da sua realidade e necessidades, visando uma pedagogia que fosse mobilizadora.

É importante visualizar que o tripé inicial da alternância se pautou na autonomia das comunidades por meio da associação, a formação para a vida tendo o pilar da formação integral que inicialmente estava ligada aos valores cristãos por ter tido a presença muito forte a igreja católica.

Então, a Pedagogia da Alternância se desenvolve em um contexto de mobilização de movimentos de agricultores familiares da França, na qual essas passam a constituir uma associação que gere a experiência de formação. A alternância nesse momento começa a sistematizar os chamados instrumentos pedagógicos, esses tinham como objetivo desenvolver um processo de formação que vincula-se à vida produtiva familiar com o processo de escolarização. (SILVA, 2006)

Assim, busco-se construir uma formação integral que aliou a formação de sujeitos nos diversos âmbitos, contribuindo na vida comunitária para o desenvolvimento local. Sobre esse contexto, a Pedagogia da Alternância se constituiu com os seguintes pilares a Associação, Alternância, formação integral e desenvolvimento local (GARCIA-MARIRRODRIGA & CALVO, 2010).

A Associação é a gestora da escola é a instituição que mantém a escola, é composta por membro representativos sendo estes agricultores familiares, pais de estudantes, ex-estudantes e sócios, não recebem nenhuma remuneração.

Cabe aos membros da associação administrar, buscar recursos para o funcionamento por intermédios de projetos; criar parcerias com órgãos públicos e privados; manter uma equipe de monitores e auxiliares; formar uma rede de pais e mães e profissionais prevendo a co-formação dos educandos e esta associação deve participar dos projetos de desenvolvimento local, articulado com outros movimentos sociais, na proposta de colocar a EFA como o centro do associativismo comunitário. (SILVA, 2007. p.14-15).

Alternância ou a Pedagogia da Alternância seria o desenvolvimento dos instrumentos pedagógicos, no caso pode-se chamá-los de dispositivos, motivadores da formação dos jovens, buscando a constituição de uma formação integral do sujeito, ou seja uma formação que seja múltipla em seus processos e aprendizagens, não focando somente os conhecimento escolar, mas trabalhando com os múltiplos saberes que compõe o universo desses jovens.

Essa formação pensada na alternância vai de encontro com a ecologia de saberes proposta por Boaventura (2007), pois como a proposta da alternância visa trabalhar com os vários saberes que fazem parte do contexto onde se insere o jovem, diferente do modelo tradicional escolar que prioriza o saber científico.

No Brasil, na década de 1960, se identifica a primeira experiência de Alternância no Espírito Santo. Nessa década Brasil passava por um momento de mudanças econômicas o processo de industrialização na região sudeste. Essa industrialização gerou impacto na economia, que tinha anteriormente sua base agrícola. As populações rurais viam a possibilidade de melhores condições de vida na cidade, uma vez que a o setor agrícola sofreu desvalorização econômica. Essa situação econômica agravou-se à falta de acesso aos direitos básicos impulsionaram muitos agricultores a sair do meio rural (SILVA, 2012). No entanto o governo lançou proposta de uma agricultura mecanizada,

valorizando ainda mais as monocultura, e ao mesmo tempo e a repressão de organizações sociais.

Nesse momento havia uma afirmação da necessidade de consolidar o rural, e criar estratégias para que essa população continuasse no campo, por meio de uma pedagogia. Essa concepção ficou conhecida como ruralismo pedagógico. Ela tinha práticas com objetivo já definidos, mas não considerava as pessoas dessa sala de aula do campo como sujeitos como protagonistas de sua história.

A crise econômica agravou as diferenças sociais, acentuando situação de miséria, desemprego e acesso aos direitos. É nesse contexto de exclusões sociais e educacionais, que um Padre Jesuíta vindo da Itália, encaminhado pelos Jesuítas brasileiros sensibilizou-se pela situação dos imigrantes italianos que residiam no sul do Espírito Santo. É diante dessa situação ele começa junto com as articulações populares construir críticas ao modelo educacional vigente, que não ia de encontro os anseios das famílias camponesas (CORDEIRO et al., 2011; SILVA, 2012).

Na década de 1970 o país estava ainda no momento de ditadura militar com muitas das instituições sofrendo repressões e perseguições, massificação da televisão e de padrões de comportamento. No entanto, grupos de resistência ligados à juventude católica ainda constituía ações em busca da democracia.

Nos anos de 1980, temos no Brasil também um período de muitas tensões e movimentos de luta pela redemocratização, a intensificação da modernização da agricultura, foi nesse contexto que, no estado de Minas Gerais começa-se a implantar as EFAs, tendo como bases o Movimento Social e eclesial presentes no meio rural. Nessa década, foi um momento de reorganização e criação de vários Sindicatos de Trabalhadores Rurais, bem como, de surgimento de outros movimentos e organização dos agricultores, de luta pela terra, como resposta ao processo de capitalização da agricultura.

Nessa década tiveram dificuldades de manterem as instituições, uma vez que a dificuldade de articular suas ações, se tornou mais difícil a caminhada uma vez, pois elas necessitavam de criar formas de fomentar a infraestrutura necessitando de recursos financeiros, dentre outros aspectos. Contudo, as duas primeiras experiências fracassaram no que se refere à concretização, pois fatores a falta de políticas pública que apoiasse o projeto, e não tendo condições financeiras e de continuar. No entanto, a década de 1990, foi seguida de várias outras criações, caracterizando esse momento como um período

fértil na implantação das EFAs em Minas Gerais e na região da Zona da Mata (SILVA, 2012).

Os anos 1980 foram marcados no Brasil e no estado de Minas Gerais pela expansão e consolidação das EFAs, e nessa mesma década a constituição de uma estrutura organizativa dessas Escolas a União Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil (UNEFAB). Nessa mesma década houve no Brasil a criação das Casas Familiares Rurais no nordeste e posteriormente ao Sul se espalhando pelo Brasil, essas experiências tem como referência o modelo Francês das Maisons Familiares Rurales, sendo organizado pela Associação das Casas Familiares Rurais (ARCAFAR).

As experiências de formação por alternância no Brasil se multiplicaram tanto no modelo das EFAS, mas na região sudeste, tendo experiências em outras regiões, as Casas Familiares Rurais se centravam na região nordeste e sul. Além dessas experiências, têm surgido outras experiências de formação por alternância. De acordo com Silva (2010) atualmente existem oito centros de formação por alternâncias, que pelo país que somam mais de 270 experiências educativas, essas passaram a partir de 2005 a se articularem nos Centros Familiares de Formação por alternância (CEFFAS). “A despeito das suas especificidades diferenças e divergências, estes Centros educativos têm na Pedagogia da Alternância o princípio fundamental e norteador de seus projetos educativos” (QUEIROZ & SILVA, 2008, p.3).

As Escola Família Agrícola Puris (EFAPuris) e Escola Família Agrícola da Serra do Brigadeiro (EFASB) foram criadas no início dos anos 2008 e 2007, respectivamente, ambas apoiadas pela Política Territorial no contexto do TRSB. Atendem crianças e jovens do campo, no Ensino Médio Profissionalizante e no segundo segmento do Ensino Fundamental, em regime de Alternâncias Educativas.

As EFAs se caracterizam por sua criação a partir de uma organização local dos agricultores e agricultoras familiares, por meio de uma Associação, buscando a formação integral que visa as práticas formativas que aliam a vida e a escola

Santos (2007) nos aponta a necessidade de uma construção de conhecimento científico que abarque a dimensão da vida, das experiências, dos saberes e sabores. Nesse sentido a formação constituída nessa experiência das EFAS e em outras experiências de Educação do Campo é uma evidência e busca por essa prática de construção de conhecimentos no contexto brasileiro.

De acordo com Teixeira *et al.*, (2008) identificou que no contexto brasileiro a Pedagogia da Alternância já tem mais de quarenta anos, em sua pesquisa realizada sobre

a produção acadêmica de dissertações e teses tem sido significativa dessa temática, no entanto, não suficiente, pois há ausência de estudos que se debruçam sobre a relação família-CEFFA, fundamentos teóricos metodológicos da Pedagogia da Alternância e as relações dos CEFFAS e o Estado, dentre outras questões.

Logo é necessário buscar evidenciar mais as práticas educativas desenvolvidas nessas escolas, bem como o conhecimento gerado pelas às pessoas que conduzem os processos, nas associações de modo a valorizar as produções de conhecimento das mesmas.

A alternância é uma das tantas outras propostas de Educação do Campo, por isso era necessário compreender, uma vez que muitos trabalhos tem inserido elas na discussão a partir da década de 1990 que é onde se torna mais evidente a proposta de Educação do campo.

É no contexto de luta pela terra, de resistência, embates políticos e sociais, que vêm construindo as propostas de Educação do Campo, tendo a população do campo como sujeitos ativos que pensam e constroem um projeto de vida e educação do campo buscando a concretização de seus direitos por meio da consolidação de políticas públicas e ações.

A Educação do Campo tem grande contribuições da Educação Popular, uma vez que as práticas de Educação popular são vivenciadas nos movimentos sociais nas organizações do campo e da cidade, principalmente a contribuição dos círculos de cultura desenvolvidos por Paulo Freire.

O movimento de Educação do Campo começa a ganhar espaço nas últimas décadas nas lutas por políticas públicas que garantam uma educação de acordo com a suas demandas. O movimento se constitui de diversos povos do campo como agricultores familiares, indígenas, remanescentes de quilombos, assentados da reforma agrária, acampados, atingidos por barragens, povos das florestas, pescadores, demais grupos e comunidades que se relacionam com o campo e tem ele como produção e meio de vida.

A Educação do Campo se constitui a partir das lutas desses diversos povos do campo, assim ela emerge da própria vida desse povo, na qual se propõe uma educação que abarque a sua vida, seus conhecimentos e realidades, sendo concebida como um projeto de campo, que se constitui em contraponto ao modelo de desenvolvimento que vê o campo como o lugar da produção em grande escala, tem como consequências a expulsão

das famílias, negando a necessidade de escolarização dos povos do campo.(CALDART, 2008).

É no bojo do contraponto de um projeto de desenvolvimento excludente, que a Educação do Campo se constitui como um projeto de campo e de sociedade que valorize os processos de humanização considerando os processos socioculturais, a dignidade e os direitos, respeitando a diversidade de populações existentes no campo, pois é necessário pensar a educação considerando as diferentes realidades e identidade social.

A identidade da Educação do Campo definida pelos sujeitos sociais deve estar vinculada a uma cultura que se produz por meio de relações que considerem a seus meios de vida ou forma de trabalho, entendendo trabalho como produção material e cultural de existência humana. Para isso, a escola precisa investir em uma interpretação da realidade que possibilite a construção de conhecimentos potencializados, de modelos de agricultura, de novas matrizes tecnológicas, da produção econômica e de relações e da vida a partir de estratégias solidárias, que garantam a melhoria da qualidade de vida dos que vivem e sobrevivem no campo (ROCHA, 2008).

A Educação do campo se dá no âmbito dos processos formais e não formais, a construção do conhecimento acontece em diversas dimensões sociais, se inserindo em uma perspectiva pedagógica, onde os processos formativos acontecem na escola, nas lutas sociais, nos processos de trabalho em todos os momentos e dimensões da vida. Desse modo, essa proposta de educação se caracteriza por ter em sua criação e continuidade, os sujeitos do campo como os que dão a tônica a essa proposta de educação e de sociedade, se caracterizando enquanto um movimento de cunho sociopolítico e ao mesmo tempo pedagógico na criação de processos formativos e práticas pedagógicas que estão intrinsecamente ligadas a realidade dos sujeitos.

Nesse sentido, podemos destacar que a Educação do Campo tem em sua existência alguns elementos importantes tais como, é necessário compreender o campo como espaço de vida e de produção de saberes, conhecimentos, culturas, modos de vida. Essa produção de vida do campo implica também na valorização de sua diversidade e dos sujeitos do campo, entendendo esses como protagonistas do seu processo de formação, pois a escola não é o único lugar de aprendizagens, assim a Educação do Campo se constitui para além da escola. É importante destacar que foi por meio do protagonismo dos sujeitos do campo que se constituíram alguns marcos para o Movimento de Educação do Campo.

No ano de 1997, temos como um dos marcos o I Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária, onde se lançou um manifesto desses educadores, sendo

considerando ali o nascimento do Movimento de Educação do Campo, onde se começa as articulações por uma luta da Educação Básica do Campo.

Nos encontros e articulações na busca de construção de diretrizes de uma Educação do Campo, não podemos deixar de apontar participação de mulheres nesse processo.

A década de 1990 é marcada por mudanças no quadro educacional brasileiro, pois, o movimento sindical e movimentos sociais se articulam de forma a garantir a universalização do ensino no campo e que tenha em seus princípios as suas especificidades. Nessa mesma década o Brasil tem em seu contexto a luta pela educação pública de qualidade e a criação da LDB traz em seu texto considerações importantes sobre a educação no meio rural, possibilitando outras formas de se fazer Educação no Campo, apesar de ainda manter uma educação no campo orientada por um modelo urbanocêntrico.

É nesse contexto de lutas que se insere o início da constituição do conceito de Educação do Campo que se faz e refaz a todo o momento, pois, em sua essência ele busca valorizar os sujeitos que compõem essa realidade. Assim, vai procurando construir o paradigma que compõe essa Educação.

No paradigma da Educação do Campo, para o qual se pretende migrar, preconiza-se a superação do antagonismo entre a cidade e o campo, que passam a ser vistos como complementares e de igual valor. Ao mesmo tempo, considera-se e respeita-se a existência de tempos e modos diferentes de ser, viver e produzir, contrariando a pretensa superioridade do urbano sobre o rural e admitindo variados modelos de organização da educação e da escola (MEC, 2007).

Nesse contexto fértil de articulações e ações, a partir das discussões e articulações do ENERA, acontece em 1998 primeira Conferência Nacional pela Educação do Campo que agregaram outros movimentos além do MST e organizações além da UNICEF, como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), Organizações das Nações Unidas para a Educação e Cultura (UNESCO), movimento indígena, quilombolas, pescadores, povos das florestas, atingidos por barragens, dentre outras populações.

Dessa forma, esta conferência se constituiu enquanto um processo de articulação para a construção de uma política pública, pois, para concretização do evento ocorreram seminários estaduais, discussões para elaboração de textos. Após o evento se constituiu uma Articulação Nacional por uma Educação do Campo onde se organizou processos políticos importantes.

A primeira Conferência Nacional da Educação do Campo teve como intuito principal construir e consolidar políticas públicas para a educação do campo, também discutiu os princípios e os caminhos educacionais possíveis de serem trilhados e articulados com a realidade social; levando em conta a diversidade de povos do Campo.

O movimento de Educação do Campo se constitui em busca de garantir as discussões e consolidar os direitos da Educação do Campo se articulam com organizações não governamentais e governamentais, com intuito de promover a segunda Conferência que aconteceu em 2004, na qual tinha como objetivo central pautar as políticas públicas da Educação do Campo em agenda nacional para garantir sua efetivação.

A partir dessas articulações foram obtidas algumas conquistas dos Movimentos Sociais do Campo pela educação, como a constituição da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE), no ano de 2001, onde foram realizadas audiências públicas com o fim de elaborar as diretrizes para Educação do campo, no ano seguinte as Diretrizes Operacionais para Educação do Campo (n° 36/2001 e Resolução n°1/2002) foram aprovadas (FERNANDES & SILVA, 2009).

Destaca-se ainda, a concretização do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA (Decreto N° 7.352/2010) e no momento atual o Programa Nacional de Educação (PRONACAMPO) lei n 12.695, de julho de 2012, que refletem de certo modo algumas das demandas dos sujeitos do campo, na construção de uma Educação do Campo.

Podemos dizer que ao longo dessa trajetória de lutas e conquistas da Educação do Campo as suas práticas se insere em um trabalho pedagógico que valorize os saberes geracionais, tendo como sustentação os agricultores e diversos povos do campo que lutam para continuar criando seus modos de vida nesse espaço. (VENDRAMINI, 2007).

Então podemos compreender que a Educação do Campo abarca diferentes processos educativos dentre eles processos formativos de agricultores, escolas de assentamentos e acampamentos, escolas comunitárias, escolas indígenas, Centros de Formação por alternância dentre outros. No que se refere a esse trabalho o foco de investigação dentre meio essa diversidade de experiências de Educação do Campo são as Escolas Famílias Agrícolas que tem como base a Pedagogia da Alternância.

Esse panorama da Educação do Campo é uma pontuação de parte de sua trajetória que aparentemente nos encanta pela beleza de suas propostas pedagógicas, mas deve também colaborar para compreender como diz Paulo Freire (1996), é necessário *reconhecer dentro da beleza suas feiosidades*, pois em uma proposta pedagógica como

da alternância temos que buscar maturidade para compreender os tensionamentos existentes nela e entre os atores sociais.

Um desafio que ainda queda por ser feito é o de compreender o movimento EFAs a partir de dentro do movimento por uma educação do campo, muito embora sem este foco explícito, foi nesse sentido que pontuamos algumas questões sobre a alternância para nos dar o conhecimento sua trajetória histórica e problematizar as produções acadêmicas nessa área.

3.3. Emergência das narrativas orais

Este trabalho de pesquisa abarca abordagem qualitativa, compreendendo que a pesquisadora está inserida no contexto no qual se desenvolve o presente trabalho, onde busca fortalecer as relações que já existem com pessoas que se insere na realidade a ser pesquisada. Nesse sentido, a pesquisadora, sujeita desta realidade, deve estabelecer um processo dialógico durante a pesquisa de forma a contribuir para concretização do processo de pesquisa. Logo, os fenômenos estudados são considerados parte de um contexto social, não sendo considerados isoladamente. (TRIVINOS, 1987).

Nesse sentido o singelo trabalho, não é de tal forma algo extraordinário e nem inédito mas é a tentativa de olhar para um processo educativo de outro ângulo, uma vez que uma pesquisa busca dar uma interpretação diferente de algo já conhecido.

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por sujeitos cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, ai sim, bastante pessoais. (DUARTE, 2002.p 104).

Contudo, esse trabalho de pesquisa se caracteriza como um estudo de caso, considerando este tipo de pesquisa, por se tratar de uma questão peculiar que visa compreender uma situação, grupos, organizações partir de olhares diferentes da mesma questão (ANDRÉ, 1998). Triviños (1987) identifica que um estudo de caso se dedica a estudo de uma unidade na qual se analisa uma questão específica. Na Educação os estudos de caso passaram a ser utilizado nos anos de 1960/1970, inicialmente eles tinham caráter descritivo. Em meados dos anos de 1970 aconteceu a conferência de Cambridge, na

Inglaterra na qual procurou-se discutir mas detalhadamente os pressupostos desse tipo de pesquisa.

André (1998) nos chama atenção para as principais características: busca a descoberta, ou seja, demanda a atenção do pesquisador quanto aos aspectos imprevistos e dimensões não estabelecidas a priori; enfatiza a interpretação em contexto; representa os diferentes e, às vezes, conflitantes pontos de vista presentes numa situação social e utiliza uma variedade de fontes de informação.

O trabalho utiliza os princípios da história oral de valorizar sujeitos do processo histórico que não são visualizados na história oficial pois essa perspectiva tem um como foco possibilitar evidenciar as experiências subjetivas que compõem uma história, contribuindo para a escrita de uma história que valorize as múltiplas versões de uma experiência e evidenciar vozes são silenciadas. (MEIHY & HOLANDA, 2007).

Nesse sentido olhar para abordagem feminina no contexto das EFAs se faz importante uma vez que no contexto educacional de uma forma geral, a presença feminina é expressamente a maioria, principalmente na educação básica. Entretanto há necessidade de perceber de forma significativa essa participação.

No século XX, a história oral passou a ser utilizada como abordagem de pesquisa, mas especificamente, através do uso de relatos orais na área de antropologia e sociologia norte-americana. No Brasil, a história oral ganha espaços nas pesquisas, a partir dos anos 1950, dando possibilidade de sujeitos anônimos da sociedade construírem a história, fazendo desse modo um contraponto com a história oficial (ALMEIDA, 2014).

De acordo com Thompson (2002) a história oral tem uma finalidade social, pois, antes a história era ensinada em espaços não escolares de forma a valorizar singularidades e diversas formas de histórias enfocando a cultura e a criação de subjetividades, sendo passada de geração em geração por meio da oralidade, constituindo uma memória viva na qual se permite reviver o passado. Entretanto, não queremos abdicar de outras fontes de registros e linguagens como constituidoras de uma explicação viável da realidade, apenas reafirmo as ainda atuais condições socioculturais da educação popular.

Desse modo, a história oral tem por objetivo evidenciar vozes que foram suprimidas, silenciadas ou minimizadas, pois as mesmas nos permitem ter um olhar diferenciado da história, pois é por meio dessas singularidades que é possível compreender fatos históricos de um outro ângulo.

A concepção de memória é utilizada em trabalhos de história oral, os estudos realizados nessa perspectiva, foram motivados pelo esforço de evidenciar pontos de vista de pessoas, grupos que normalmente são invisíveis na história tradicional baseada em documentos históricos oficiais. Dessa forma, o estudo da história oral nos permite constituir uma memória a partir da importância que lhe é dada por meio dos sujeitos, sendo assim, construído um conhecimento histórico de forma individual e coletiva, pois é a partir do vivido que os sujeitos dão valor e significados, ao que viveu, como fatos e acontecimentos, e assim os sujeitos constroem significados para as suas experiências.

A perspectiva de investigação da memória nesse trabalho tem o enfoque na história oral, pois, Thompson (2002) aponta que a história oral é capaz de permitir a recriação da multiplicidade dos pontos de vista do vivido, pois a fonte oral é capaz de possibilitar desafiar a subjetividade. A memória se constitui como a presença do passado no presente, essa memória ela não tem uma ordem cronológica se estabelece pelo pensamento sendo este constituído por uma descontinuidade onde os fatos, acontecimentos e modos de vida são estabelecidos para reviver e explicar o que já aconteceu (ALBERTI, 2010). É esse passado que é vivo, que está presente na cultura local das comunidades rurais e que constitui as duas Escolas e continua se presentificando por meio da oralidade dessas pessoas, pois, através da comunicação oral ela se perpetua sendo um meio acessível.

Há pessoas que não sabem escrever ou ler; há pessoas que não manejam o computador; porém a voz, a oralidade, é um meio de comunicação que a maioria dos seres humanos possuem e, de alguma maneira, controlam. Então, quando buscamos fontes orais, muito embora as Marias com quem dialogamos tenham esse tipo de acesso à lecto-escrita, as buscamos em primeiro lugar por que na oralidade encontramos a forma de comunicar específica de todos os que estão excluídos, marginalizados, na mídia e no discurso público (PORTELLI, 2010, p.3). Desse modo, a oralidade pode nos possibilitar reviver de uma forma fascinante os fatos, pois “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações” (BOSI, 1994, p. 47).

Nos anos de 1960 no cenário da historiografia há emergência de novos temas e abordagens que contribuíram para transformações importantes no campo da história, uma vez os sujeitos que se encontravam na condição de marginalizados pela sociedade e pela ciência, passam a ter suas experiências de vidas valorizadas se tornando foco de muitos estudos. Nessa mesma década temos uma intensa eclosão de movimentos feministas,

sendo este um fator fundamental para que as mulheres recebam um olhar no campo da pesquisa histórica, assim contribuindo na construção de um campo de história das mulheres, principalmente na história oral (ZEFERINO, 2010).

3.3.1. Conversas de Marias

Eu sou aquela mulher
a quem o tempo muito ensinou.
Ensinou a amar a vida
e não desistir da luta,
recomeçar na derrota,
renunciar a palavras
e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos
e ser otimista.(CORALINA, Cora)

Nos diálogos, utilizamos o mesmo roteiro de conversa com essas mulheres, as narrativas apresentadas no Anexo II, revela experiências comuns e diferentes de cada uma delas, e na diferença e semelhança podemos visualizar temáticas que emergem de suas individualidades podendo perceber que existem pontos comuns há uma olhar subjetivo de cada. Um primeiro momento podemos citar dentre as relações estabelecidas por elas nas suas trajetórias de vida que são expressadas em suas falas, como sendo o modo que elas recebem e são recebidas no mundo onde estão inseridas, suas percepções no que refere ao seu modo de participação e inserção na luta seja por uma educação, por Terra e trabalho, abarcando a sua formação cultural e social.

Nessa rede relações estabelecidas seja pela e na construção da Escola Família Agrícola ou outros movimentos sociais populares podemos perceber que a inserção nesse fazer diário, nessa luta se de forma diferenciada no que se refere à intencionalidade de se envolver como os movimentos á experiências de vida no geral. Para efeito deste momento do trabalho destacaremos algumas temáticas uma vez que este texto está em vias de construção.

As três narrativas tem similitudes e diferenças, no entanto vamos destacar alguns temas ou ideias que emergem de suas narrativas como: Comunidade, Relações de Poder, Formação para vida, Interrelação das EFAS. Essas pontuações emergem de um olhar para cada narrativa, destacando o que se relaciona entre elas. Nas narrativas destacamos quatro temáticas das narrativas; Comunidade, Relações de poder, Formação para Vida e Interrelação das EFAS.

A. Comunidade

Atualmente nós vivemos em uma sociedade onde as relações sociais muitas vezes se pautam no individualismo, as ações e posturas sociais que nos interpelam aguçam cada vez mais as posturas do individualismo, seja na educação, no campo de trabalhos em vários setores da sociedade.

No entanto, percebemos nas narrativas das Marias que essas experiências de educação historicamente desenvolvidas nessas EFAS nos remete a ideia de comunidade, seja na busca de concretização desse sonho, no fortalecimento das relações locais, no sentido de estabelecer uma coletividade, se aproximando do princípio da alternância de desenvolvimento do meio, estabelecendo relações de troca e construção de conhecimento.

A Comunidade aparece podemos dizer numa lógica que vai contra a imposta pela lógica organizacional da sociedade capitalista, apresenta como fazer em mutirão uma escola, como construção da EFA de Viçosa que era situada na comunidade da Colônia Vaz de Melo, que era construída conjuntamente, onde se depositava sonhos e perspectiva de vida em busca de uma educação construída literalmente pelas mãos dos agricultores e agricultoras.

Era só nós da comunidade Taquaraçu ai a gente gastava com a gasolina por conta nossa sem contar alguma coisa que precisava que a gente desembolsava também e pessoal de Araçonga vinha ai encontrava lá para construir a escola (...)(Maria Margarida, 2014).

Havia uma relação de corresponsabilidade agricultores e agricultoras se deslocavam de suas casas para pôr em prática o sonho de uma educação que tinha em suas bases a valorização dos saberes, não medindo esforços e gastos para concretizar. Uma outra lógica interessante é da proximidade das pessoas, se une em prol de um objetivo comum que a concretização de uma proposta educacional.

Neste sentido, ser comunidade é fazer junto, construir sonhos e superar dificuldades, criando juntamente possibilidades para os desafios de uma educação que realmente vise o desenvolvimento comum ou do meio.

Podemos perceber que na relação de doação de alimentos, citada na fala a seguir, se estabelece um elo entre o projeto e a vida, mostrando uma relação intrínseca, pois doar alimentos ressignifica a suas vidas, valoriza o alimento, o trabalho de cada um que se transformou em vida. E a vida gerou troca entre comunidade e escola, levando alimentos para a Escola seja para ajudar na alimentação dos jovens ou para partilha do dia,

essa partilha seria dar uma passo na construção do projeto pedagógico, pois ao partilhar promove-se o desenvolvimento das pessoas e do meio.

No começo igual eu te falei as pessoas tava mais ajudava muito interagia, assim com alimento é é alimento para a escola, alimento para reuniões, é igual leite essas coisas assim dia de reunião as pessoas doava né as vezes fazia bolo em casa levava para escola, para ajudar a escola, acreditava muito na escola (...) (Maria da Penha, 2014).

A comunidade é lugar de partilha, de mutirão, construção de projetos, lugar onde se semeia e colhe a esperança, reaviva as utopias, Saramago nos fala que a utopia serve de horizonte para que não deixemos de caminhar. Logo, a comunidade se mostra como momento e lugar de aprendizagens e concretização de projetos.

B. Relações de poder:

Na sociedade relações de poder estão presentes em todos âmbitos sociais, seja nas relações de classes sociais ou de Gênero, nas instituições ou nos movimentos sociais. Podemos perceber duas lógicas presentes nessas narrativas uma de posturas autoritárias e outras de ações de empoderamento.

Maria da Penha explicita várias questões em sua narrativa, a questão do saber letrado que é uma forma de detenção de poder, do autoritarismo advindo de um figura masculina, no entanto, ao questionar a sua atitude põe em xeque essa postura. Ao mesmo tempo em sua fala nos demonstra o autoritarismo, aponta também a sua indignação em relação ao mesmo, e concomitante o seu silenciamento.

(...)último conselho que teve agora Sr. X é uma coitado por que só sabe assinar o nome, como é que você assinar cheque sem saber o que está assinando então eu sai fora por isso, por que se tivesse alguém com má intenção que eu não sei, num to falando que tinha alguém com má intenção, mas se teve ele colabro por que ele num sabe lê eu saiu fora por isso, eu to qui, teve um dia que eu tava qui na sala aqui e tava ele (coordenador da EFASB) trouxe o cheque pra mim assinar o Coordenador ai eu falei mas tinha que tá o que é para pagar, pra mim assinar? Ah mas você num tá lá, que num ... Ai começo..., falei tudo bem assinei o cheque em branco, lá você bota o valor que você quer, então mas não podia falar ,se falasse ele gritava e tem aquele negócio se gente num tá ganhando, pra que a gente vai levar desaforo (Maria da Penha, 2014).

Nessa narrativa nos deixa claro a relação de poder, quando um detém o conhecimento letrado e outro não, pois no caso da pessoa que ela se refere ter feito parte da associação anterior e ter assumido um cargo de Presidente sem ter uma instrução

escolar nessa situação o deixou submisso ao Coordenador, que mesmo quando se refere a ela que tem o ensino fundamental se mostra autoritário quando questionado por suas ações. Assim a equipe técnica que deveria ter o papel de colaborar na construção da autonomia da Associação, tem uma postura de germinar as relações de submissão.

Essa situação também nos remete a relação estabelecida entre o feminino e o masculino, reforçando o que já foi citado anteriormente nesse trabalho, os espaços de participação política pelas mulheres ainda é muito pouco valorizado. Mas vem sendo ocupado por elas. Os questionamentos apresentados na fala acima nos demonstra o movimento de insatisfações em relação ao modo em que pessoa lhe tratou. Ao mesmo tempo a sua indignação em relação as formas de opressão presentes na construção da alternância.

C. Formação para vida.

Nas narrativas podemos perceber que a formação a aparece como um dos eixos que entrelaçam a vida dessas mulheres como a construção das Escolas Família. Assim podemos pontuar que “(...) *Alternância educativa está embasada no princípio de que a vida ensina mais que a escola, por isso o tempo escolar é alternado e integrado ao tempo familiar.*” (MACHADO & VIEIRA, 2007, p. 270). Entendendo que os aprendizados ocorrem em todas as instâncias sociais nas quais os sujeitos (as) interagem, assim além dos saberes escolares existem outros saberes relacionados ao meio social.

“(...) eu acredito que a escola é uma coisa mais nova né, por que a escola estadual, municipal tem muitas, mas ali é uma escola que ensina mais tem mais matéria eu acho que ensino diferenciado dos outros, então assim num é todas as matérias, tem a matéria das outras escolas e mas também a matéria diferente que tem na que a criança aprende bem mais sobre o, ali é mais pra quem quiser viver no campo já tem um ensino para o campo e se quiser e ir pra cidade também, né. Então une as duas coisas, então assim achei legal essa escola por isso que ai depois a pessoa quiser ficar na roça já sabe já tem prática e se for, para ir para cidade já vai seguir o seu rumo.” (Maria da Penha, 2014).

Nesse sentido se expressa uma educação que prepara o educando para lidar com as diversas situações da vida, é pensar em prepara-lo para viver em sociedade. Além dessa questão pode se pontuar. Há também presente a formação de pessoas que apreendem conviver e respeitar ao outro, além de contribuir na desconstrução de que as atividades domésticas são somente femininas, trabalhando para reeducar o nosso olhar e mudar a

nossa concepção sobre o trabalho feminino. Dessa forma é pensada e concretizada uma educação para a vida.

(...)vieram para escola estudar e eu amando aquela ideia por a que as crianças tem um convívio diferente de uma escola tradicional né , por que são divididas as tarefas sem pensar no sexo né e já tudo agendando e anotado , tal dia fulano que vão para cozinha é beltrano vai para limpeza, e isso ajudou muito inclusive na nas receitas que o meu filho aprendeu fazer um monte de coisa e aquela troca também de experiência de com as crianças a experiência que vem de uma comunidade vem da outra, trabalho de casa por exemplo que a criança leva para casa para ser feito na comunidade é o convívio com a terra, por que é muito importante. Por que é muito bonito você chegar no mercado tá lá bonitinho lá no plástico, no litro num sei no que e se compra e leva para casa , mas não soube a origem daquele produto, você não sabe como foi feito.(Maria Margarida, 2014).

Apresenta-se também um olhar de uma educação para autonomia, pois o estudante recebe uma formação integral ou seja para vida. É evidente a ideia de formação integral sendo aquela que perpassa entre as relações sociais, indo desde realizar as atividades domésticas até intelectuais, essa lógica está relacionada a uma dos pilares da alternância que é a formação integral. Onde também se alterna não só o tempo escolar e o tempo comunidade, mas as relações e construção de conhecimento.

Essa formação pensada na alternância vai de encontro com a ecologia de saberes proposta por Boaventura (2007), pois como a proposta da alternância visa trabalhar com os vários saberes que fazem parte do contexto onde se insere o jovem, diferente do modelo tradicional escolar que prioriza o saber científico.

Então, pensando na construção saberes, a Ecologia se apresenta como os processos emancipatórios que contribui na valorização das experiências cotidianas, nos saberes construídos pela família, comunidade, outros grupos e pessoas que passam a fazer parte da formação construída na proposta da alternância, tentando manter vivo os movimentos de diálogos.

A formação gerada pela EFA é expressada como uma formação integral e humana, ela trabalha com os conteúdos, com as experiências de vida de cada um, buscando uma formação para a vida seja no campo ou na cidade. Visando desenvolver a construção da autonomia de cada sujeito.

D. Interrelação das EFAS:

Durante esses anos de envolvimento com as Educação do Campo, em especial com as Escolas Famílias Agrícolas sempre se fez um esforço de diálogo entre as escolas, promovendo encontros, seminários dentre outras atividades. As duas escolas a EFA Puris e Serra do Brigadeiro geograficamente são pertencentes há dois municípios vizinhos, que inclusive a comunidade de Dom Viçoso ou Gramma, como já foi citado anteriormente Ervália era parte integrante do município de Araponga, por volta da década de 1930.

Esses dois municípios que tem em suas raízes históricas traços de relações coronelísticas e de disputas. Além desses fatores, há entre essas duas escolas mesmo que de forma tímida uma relação de irmandade onde essas colaboram para o fortalecimento de trabalhos de articulações locais e comunitárias, possibilitando a participação das comunidades no desenvolvimento das práticas educativas das mesmas.

Ué teve uma época que ficou meio afastado, depois que começou mesmo depois que os meninos foi pra lá né, igual minha filha o Genro a turminha foi pra lá, parece que ficou mais, acho que ficou mais assim como é que fala aproximou mas por que agora tá é por que também tá indo indo aluno para ai tem um diálogo um como outro, mas teve uma época mesmo que tava para implantar a escola eles viam mas, participava mas num era aquela coisa, até nós fomos lá visitar a escola deles, foi um ônibus de gente daqui foi visitar . Então é assim.(Maria da Penha, 2014)

De acordo com a fala existe uma relação de irmandade entre as duas, escolas ora mais intensa, ora mais frágil. É nesse ir e vir que se consolida uma relação de fortalecimento entre as duas Escolas.

Essa relação, não se apresenta de forma harmônica, pois muitas vezes ao se irmanarem se vem uma posição de disputas. Nessa narrativa abaixo podemos visualizar a situação das EFAs no contexto do Território Rural da Serra do Brigadeiro, que inicialmente tinha um papel de promover o desenvolvimento de todos os municípios e suas organizações, no entanto se estabelece uma relação de disputa entre as duas EFAS.

Então assim é o grupo gestor ele foi se formando pra pensar para analisar os projetos deles, analisa o projeto de Ervália se o projeto de Ervália é interessante é beleza a gente aprova ele, se não é a gente fala a gente vai aprovar o outro de acordo com a votação e ai eu acho que não devia ser assim por que se pensar se tiver recurso suficiente para pra aprovar o projeto de Ervália, pra aprovar o projeto de Araponga por que que coloca os municípios brigando entre si por um recurso e talvez era mais pensar projetos menores mais fácil de execução , mas que contemplasse os municípios todos ai sim eu acho que ser o desenvolvimento enquanto território e nisso não foi, ao invés de fortalecer as EFAS, é claro que fortaleceu mas fortaleceu ela só , né mas

por exemplo se Ervália tem um projeto bom e reconhecer esse projeto, mas lutou por ele sozinha lá então num teve uma ajuda uma construção coletiva e então hoje eu falo que as EFAs envolvidas no Território eu acho que enquanto desenvolvimento não tá ela tá travando sozinha e a briga que tá, nem sei, o trabalho que tá de divulgação dessa EFA pode envolver o território mas não há uma discussão lá dentro do território um projeto de desenvolvimento dessas EFAS . (Maria Bonita, 2014)

As relações estabelecidas entre as duas EFAs de certo modo nos revela a aproximação, e ao mesmo tempo a influência de fragilidade entre as duas. Concomitante percebemos que há contradição, dessa aproximação quando apontado em relação as políticas públicas que deveriam gerar uma situação de consolidação de ações, no entanto em alguns momentos o processo de construção dessas ações não tem sido conduzido de forma a propiciar um benefício mútuo.

À necessidade de entrelaçar mais os interesses e objetivos de cada projeto que compõem o território de modo a promover realmente um desenvolvimento sustentável. Pois há parceria entre as escolas, no entanto é preciso consolidar mais as ações conjuntas.

4.Considerações.

Do que ouvimos até aqui em etapas de trabalho de campo, há um orgulho na gestão dessas EFAs que vem resultando na apropriação por parte de sua vizinhança na sustentação dessas instituições, seja no processo pedagógico, seja no envolvimento comunitário. Isso aponta para a formação agroecológica que empreendem e sua repercussão, ainda frágil, mas já significativa na dimensão regional. Entretanto, ainda há forte silenciamento popular exercido pelas instâncias técnicas de gestão e de assessoria que acompanham essas experiências, além disso, enrijecimentos históricos-coronelísticos de disputas entre os municípios ainda repercutem em alguns momentos, no entanto, percebe laços de proximidades entre as referidas EFAs,

Nesse sentido nas experiências da implantação dessas duas escolas, pelo que se pode acompanhar, há laços de ligação entre as duas experiências que fortalecem o empoderamento de agricultoras e agricultores na concretização dessas experiências, pois, se mostram pessoas capazes de tensionar os rumos da educação em suas comunidades e municípios, além de apresentar-se como sujeitos de sua própria história.

Concomitante a esse processo de apropriação e empoderamento, pode-se perceber evidentes sinais de silenciamento exercido por profissionais que conduzem as práticas pedagógicas na EFA Serra do Brigadeiro, entretanto, diante desse processo vê-se a atitude

de agricultores e agricultoras, que também sofrem em muitos momentos pressões para se calarem, se posicionam no sentido de gerar práticas mais participativas de modo a tensionar as posturas autoritárias que historicamente estão presentes nessa região.

Entretanto as fragilidades aqui apresentadas são parte do processo de construção dos caminhos dessas duas escolas, que tem em seu dia a dia ações comunitárias, de modo a promover e consolidar o sentimento de pertença, por meio da comunidade. Enfrentando os desafios cotidianos, seja nas relações de poder que permeia a nossa sociedade.

Assim esse movimento ora de fragilidade, ora de fortalecimento, nos dá a possibilidade da formação para a vida, concretizando a relação entre teoria e prática de modo de buscar alternativas para consolidar a relação entre as escolas e outros.

5.Referências Bibliográficas:

ALBERTI, V. **Ouvir e contar: Textos em História Oral**. 3º ed. Rio de Janeiro: FGV Ed. 2010, p 13-43.

ANDRÉ, M. E. D. **Estudo de Caso: Seu potencial em Educação**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo nº ANDRE, M. E. D. Estudo de Caso: Seu potencial em Educação. Cadernos de Pesquisa. São Paulo nº 49, p.51-54, maio, 1984. 49, p.51-54, maio, 1988.

ALMEIDA, A. P. **Palavra de acampado**. Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social/Jornalismo. UFV, Viçosa, maio de 2014.

ARAÚJO, S.S. **Gestão Participativa: um estudo de caso na associação mantenedora da Família Agrícola Pintada**. Dissertação. PPGE/UFBA. 2009.

BARBOSA, Willer Araujo. **Cultura Puri e Educação Popular no município de Araponga, Minas Gerais: duzentos anos de solidão em defesa da vida e do meio ambiente**. Florianópolis, Tese de doutoramento. UFSC. 2005.

BARDUNI FILHO, J., DELESPOSTE, A. G., FIUZA, A. L. C. **As novas perspectivas das relações de gênero no meio rural: o papel feminino em (re) construção**. In: IV Encontro da Rede de Estudos Rurais. 2010, Curitiba/PR. IV Encontro da Redes Rurais. Curitiba. 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** Editora Brasiliense. 14 ed. São Paulo. 1981.

DUARTE, ROSÁLIA. **Pesquisa qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo**. Cadernos de Pesquisa, n 115.p139-154. Março 2002.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3º ed. São Paulo. Cia das letras. 1994.p. 17-69.

CALDART, R. S. **Sobre Educação do Campo**. IN:_. SANTOS, M. A. (Org). Por uma educação do campo: Campo - Políticas Públicas-Educação. 1ªEd. Brasília: INCRA/MDA, 2008, P 77-86.

CORDEIRO, G. N. K; REIS, N. S. ; HAGE, S. M. **A pedagogia da alternância e seus desafios para assegurar a formação humana dos sujeitos e a sustentabilidade do campo**. Em Aberto, Brasília, v. 24, n. 85, p. 115-125, abr. 2011.

DALMINA, S. M., KASPARY, E. S., PILAR, M. H., FALCAO, A. D. F. **Avaliação da participação das mulheres na propriedade e na geração de renda.** Revista Brasileira de Agroecologia, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 1306-1309, 2007

FERNANDES, C. C. P.; SILVA, L. H. **Movimentos Sociais e Políticas Públicas para a Educação do Campo.** In: Encontro Mineiro de Educação do Campo, 2009, Belo Horizonte. Trabalho, políticas públicas, movimentos sociais e educação do campo, 2009. Disponível em: <http://www.lfti.com.br/EMEC/trabalhos/290/Artigo%20Cassia%20EMEC.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes á pratica educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Alan Ferreira de Freitas. **Desenvolvimento Territorial e inovações institucionais no Território Serra do Brigadeiro, Minas Gerais.** 2011

GARCIA-MARIRRODRIGA, R. & CALVÓ, P. P. **Formação em Alternância e Desenvolvimento Local: O movimento educativo dos CEFFAs no mundo.** Belo Horizonte: Coleção Aidefa. Editora O Lutador, 2010.

GROSSI, Esther Pillar. **Águas da graça da vida: Fragmentos de uma paixão.** Porto Alegre: Artes e ofícios. Ed.1994.

MACHADO, V. A.; VIEIRA, T. R. **Escola Família Agrícola Paulo Freire: iniciativas para vivenciar a Agroecologia na formação de jovens.** In: ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA. **Construção do Conhecimento Agroecológico: novos papéis, novas identidades.** Rio de Janeiro. Gráfica Popular, 2007.

MAIA, C., LOPES, M. F. **As desigualdades de gênero no contexto do desenvolvimento humano.** Unimontes Científica. Montes Claros, v. 1, n. 1, p.1-15, 2001.

MEC. **Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas.** Cadernos da SECAD 2.Brasilia. DF. Mar. 2007

MEIHY, J. C. S. B & HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar.** São Paulo. Contexto. 2007.

NAWROSKI, A. **Aproximações da pedagogia da alternância com a escola nova.** IX Anped Sul. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul.2012.

OLIVEIRA, Jaqueline Rocha .Conhecimentos e Práticas Agroecológicas nas Escolas Famílias Agrícolas (EFAS).UFV. Viçosa.2014.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2007. p, 65-75.

PEDRO, Joana Maria .**Traduzindo o debate : o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. História, São paulo, v.24, n1, p77-98, .2005.

PERROT, Michele . **Práticas de memória feminina. A mulher e o espaço público**. Revista brasileira de História.18.ANPUH/Marco zero.1989

PORTELLI, A. **História oral e poder**. Mnemosine. vol 6,n ° 2. Artigo. Departamento de Psicologia Social e Institucional/UERJ. 2010.p 2-13.

QUEIROZ, J. P. B.; SILVA, L. H. **Formação em alternância e Desenvolvimento Rural no Brasil : As Contribuições das Escolas Famílias Agrícolas**. In: Actas do III Congresso de Estudos Rurais (III CER), Faro, Universidade do Algarve, 1-3 Nov. 2007 - SPER / UAlg, 2008, CD-ROM.

RIBEIRO, M. **Educação Popular: um projeto coletivo dos movimentos sociais populares**. Revista Perspectiva. V. 26, n1. Florianópolis, SC. Jan/jun. 2008.

ROCHA, E.N. **Educação do Campo: um olhar panorâmico**. Fórum de EJA. Acessado: <http://www.forumeja.org.br/ec/files/Texto%20Base%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20Campo.pdf>. Acessado em 20/09/2011.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos de validação de resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 29-36.

SANTOS, B. de. S. A Sociologia das ausências e a Sociologia das Emergências: para ecologia de saberes. In: **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo. Boitempo.2007. Cap1. P.17-49

SCOTT, Joan W. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

SILVA, A. M. **Trajatória sócio-histórica da educação em alternância no Piauí**. Dissertação. PPGE/UFPI. 2006.

SILVA, L.H. Educação do Campo e Pedagogia da Alternância: a experiência brasileira. Sísifo, Revista de ciências da educação. Educação e saúde. ISSN 1646-4990. Nº 5 jan-abr, 2008.p, 105-112.

_____. **Concepções, Práticas e Dilemas das Escolas do Campo: Alternância Pedagógica em Foco.** In: DALBEN, J; DINIZ, J; LEAL, L; SANTOS, L.(org). Convergências e tensões no campo da formação docente. Coleção didática e Prática de Ensino. Autêntica. 2010.p.245- 439.

_____. **Educação Rural em Minas Gerais: Origens, Concepções e trajetória da Pedagogia da Alternância e das Escolas Família Agrícola.** Educação em Perspectivas, Vol.3, nº01, jan/jun. 2012.

TEIXEIRA, E. S.; BERNARTT, M. L.; TRINADE, G. A. **Estudos sobre Pedagogia da Alternância no Brasil: revisão de literatura e perspectivas para a pesquisa.** Educação e Pesquisa, São Paulo, Vol. 34, n. 2, mai/ago, 2008, p. 227-242.

TILLY, Louise. A. **Gênero, História das Mulheres e História Social.** Cadernos Pagu.p.26-62.1994

THOMPSON, P. **A voz do passado: História oral.** 3ª Edição. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2002, p-20-44.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Atlas, 1987.

VENDRAMINI, C. R. Educação e trabalho: reflexões em torno dos movimentos sociais do campo. Cad. CEDES vol.27 n.72 Campinas, Mai/Ago. 2007.

VIEIRA, T. R. **Alternâncias educativas: um olhar aos desafios.** Trabalho de Conclusão do Lato Sensu em Educação. UFV, Viçosa, 2009.

ZANELLI, Fabricio Vassali. **Agroecologia e construção de territorialidades: um estudo sobre a criação da Escola Família Agrícola Puris de Araponga - MG.** Monografia. 2009

ZEFERINO, Jaqueline Cardoso, M.Sc. **Os caminhos da memória: trajetórias de mulheres no esporte universitário Viçosense na década de 1970.** Universidade Federal de Viçosa. 2010

6.Anexos



Vista parcial da EFAPuris -2014
Fonte: EFA Puris



Escola Família Agrícola Serra do Brigadeiro- 2015
Fonte: Manuela Almeida

6.1 Anexo II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento – TCLE

Você está sendo convidada(o) a participar do Projeto de Pesquisa Educação do Campo e Memórias: As Escolas Famílias Agrícolas do Território Rural da Serra do Brigadeiro. Que tem por objetivo compreender as relações que se imbricam entre duas Escolas Famílias Agrícolas e a sua história, a partir da história de vida. A sua participação nessa pesquisa consistirá em entrevistas onde serão enfocados temas da sua história de vida. Todas as informações coletadas nessa entrevista serão utilizadas para o desenvolvimento do trabalho e poderão ser divulgadas em reuniões de caráter acadêmico e social relacionadas a temática da Educação do Campo, devido a isso é importante salientar que pode ocorrer possíveis identificações mesmo não divulgando o nome real, deixando claro que você poderá se sentir inibido, a qualquer momento e você poderá desistir de participar ou retirar seu consentimento. Essa recusa não trará nenhum prejuízo para sua relação com os pesquisadores, com a Universidade Federal de Viçosa ou com o Departamento de Educação. O nome a ser divulgado no trabalho poderá ou não ser o original, no caso essa escolha será feita pela participante da Pesquisa. Desse modo este termo obedece as normas estabelecidas na Resolução CNS 466/2012. Tendo esclarecido a finalidade desta pesquisa e caso existam dúvidas, favor esclarecê-las antes da assinatura do presente Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Você receberá uma via deste termo onde constam o telefone e o endereço dos pesquisadores. Viçosa, ____ de _____ de _____.

Prof.Dr. Willer Araujo Barbosa
Vieira

Orientador

Tatiana da Rocha

Mestranda

Coordenação da Pesquisa:

Prof.Dr. Willer Araujo Barbosa
Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa
Telefone: (31)3899- 1652

Equipe:

Mestranda: Tatiana da Rocha Vieira
Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa
Telefone: (31) 8426- 6071

Declaração

Declaro estar ciente do inteiro teor deste Termo de Consentimento e estou de acordo em participar do estudo proposto,

_____, ____ de _____ de 2014.

Assinatura

Universidade Federal de Viçosa
Centro de Ciências Humanas Letras e Artes
Departamento de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Roteiro Temático de Entrevistas (são temas que podem ser abrangidos de formas diferenciadas a partir de cada sujeito)

1. Conte um Pouco sobre a sua experiência de vida na zona rural.
2. Conte sobre quando começou a se envolver com movimentos, Escola Família Agrícolas etc.
3. Você sabe algo sobre o Centro Educação Popular e Alternância (CEPA) em Viçosa.
4. Como foi o processo de criação ou implantação da EFA e a sua participação
5. Como é a relação da Escola Família Agrícola Serra do Brigadeiro e Escola Família Agrícola Puris, entre elas e as comunidades
6. Comente sobre o Território Rural Serra do Brigadeiro
7. Avaliação/ Fala livre

6.2. Anexo III

Entrevistas

Ficha de Identificação

Nome fictício: Maria Margarida

Local: Cta –ZM, Violeira Zona Rural, Viçosa-MG

Data:03/12/2014

Duração:22 min 51 seg.

Condutora/Pesquisadora: Tatiana da Rocha Vieira

Tatiana: Então Maria Margarida, na verdade gostaria que você me contasse um pouco da sua experiência na zona rural. Como é a sua vida na comunidade, o cotidiano mesmo assim.

Maria Margarida: Então eu fui nascida e criada na zona rural é casei mudei de cidade, é depois eu mudei pra cidade que é aqui em Viçosa.

Tatiana: Ah Viçosa

Maria Margarida: Depois de três anos e meio na roça de casado eu mudei para cidade.

Fique seis anos e meio aqui em Viçosa, ai é houve alguns problemas e inclusive a falta de serviço ai gera conflitos problemas financeiros. Ai a gente decidiu a voltar pra roça e a gente tinha um terreno lá que tava meio que abandonado ai meu marido fez a proposta da gente tá voltando para roça e eu falei vamo embora sim. No início a minha mãe achou muito ruim, por que a roça era tipo aquela roça deixada sem luz, num tinha televisão ai a minha mãe achou assim um pouco ruim, acho estranho num queria nem que eu fosse, que eu deixasse meu marido voltar para lá sozinho e viesse final de semana e que eu ficasse com as duas meninas eu tinha duas meninas nessa época. Ai eu falei i para ela, não mãe, eu não concordo com isso não, por que isso acaba o casamento vamos dizer, é por que um fica lá outro fica cá, perde aquele carinho, aquele amor aquela isso termina o casamento. Ela disse suas meninas vão sentir falta disso falta aquilo outro, não eu não penso nisso, por exemplo ela fala televisão, não eu acho que criança quer ter a barriguinha cheia, bainnho né, lógico, uma cama para deitar e agasalho .Bom, meu marido volut para roça começou construir um barraco lá eu já grávida do terceiro filho que é T. e fui para lá dar uma mão nos dia que eu podia construirmos o barraco sem embolsar sem nada e mudamos para lá e começamos a viver lá e com um propósito de trabalhar muito e por a luz na casa e na época a luz era caríssima, era um absurdo e ai houve uma negociação entre Emater, governo do Estado e ai foi feito um projeto pra vários várias, pessoas um grupo né, e ai na época eu considerava aquele projeto como um bolo, por que são tantas

famílias, vão dividir o bolo então como era mais famílias o pedaço é menor para cada um , beleza ai o governo do estado pagaria e depois a gente ia pagando aos poucos, ai a gente encarou, encaramo aquilo e teve ai depois de tudo prontinho que preparamos aquilo que foi para companhia, houve houve desistência de alguma pessoa, conclusão o papel que eu considerava que fosse um bolo voltou lá para a companhia, ai redividiu o bolo ai o pedaço cresceu mais para cada um e ai foi ficando aquela coisa vai volta vai, no final um quis desistir ai um falou se você desistir eu ponho duas na minha casa só para não voltar a papelama lá para a companhia, beleza para ai nisso o meu cunhado falou com o meu marido que ia desistir mandou falar que ia desistir, meu marido ficou bravo foi lá e falou não! cê num vai desistir não você vai me dar aquele bezerro que tá ali eu vou levar lpa pra casa vou por ele lá no pasto nosso vou criar ele e com ele vou pagar a nossa luz, eu mesmo vou pagar, ai ele disse não uai assim eu mesmo faço já que acha que é fácil assim eu mesmo vou pagar , ai eu não vou desistir não ai foi onde colocou a luz ai na época tinha saído eu num sei falar que moeda que era na época eu sei que era cento e quatro cruzeiro para cada produtor tá recebendo essa luz, e o banco liberou essa luz. Cento e quatro cruzeiros e pegou a demorar tanto aquele vai e volta de papel que quando chegou a sair mesmo de verdade já era cento e dezesseis na companhia conclusão faltava doze cruzeiros para interar, ai o pessoal começou a descabelar como faço ? E nós de tanto trabalhar lá na roça nos tinha os doze cruzeiros limpo que tava segurando para por essa luz primeiro por que tava precisando de comprar uma vaca para dar leite pro menino o T , ai nós tínhamos os doze enterramos e ainda sobrou para comprar a vaca ,a vaca que tinha lá Rosinha, que foi que ajudou nos muito , pagamos compramos a vaca, e continuamo trabalhando para pagar aquela prestação anual...ai pagamos fomos pagando ai eu lembro que a moça da Emater, falou que estava mudando o governador de minas ai ela foi chamou todos para uma reunião e falou gente tá mudando de governador a gente num sabe como vai ser a cabeça dele como que ele vai querer trabalhar com todo mundo, eu pensei da gente reunir e pagar as prestações que estão faltando tudo junto, ai o pessoal assustou falou que faltava muito, num sei se era três anos, não mas eu vou somar deu um valor baixinho todo mundo consegui pagar foi na onde que a gente se libertou daquela dívida né, e agente continuou trabalhando teve muita dificuldade na nossa vida e a gente foi trabalhando quando a gente começou a trabalhar a gente plantou uma hortinha de tomate, 500 pés de tomate a minha filha está desse tamaninho e a gente pegava a jarra e pegava para aguar o tomate. E nós com o regador e eu ficava com isso tudo doendo ela aguava, e ela com com uma jarra uma ela conta isso pra você, tipo assim eu ia aguar o

tomate ela ia também, beleza, ai plantamos 500 pés ai foi bom demais e nós não tínhamos a conscientização a questão do veneno, entendeu? Ai foi um ótimo dinheiro, vamos pra 800? Vamos 800, ai deu bom dinheiro ai beleza ai vamos para mil e duzentos? Vamos para mil e duzentos também deu um bom dinheiro, ai nisso aconteceu uns problemas na minha vida eu engravidei do quarto filho e o To. E aconteceu vários problemas e eu acabei gastando dinheiro com médico, com exame eu sofri um acidente de charrete ai teve muitos problemas. E eu sei que nessa época nós tínhamos um fusca vermelho, ai beleza ai tivemos que vender o fusquinha vermelho tivemos que vender o fusquinha por causa da doença a dividida foi aumentando tivemos que vender ai eu me senti culpada com aquilo. Coisa da minha cabeça lógico, mas eu me senti culpada né puxa vida vendeu por causa da minha, por causa do meu acidente machuquei ai beleza. Plantamos outra horta.

Tatiana: De tomate?

Maria Margarida: É, dessa vez plantamos dois e quinhentos, ai o Tomas tinha nascido ai eu deixei a Jaqueline mas velha cuidando dele, ele tava com uns dois a 4 meses, deixei ela cuidando dele e nessa época na comunidade já estava construindo uma capela no qual eu liderava a comunidade ai começamos construir, ai meu marido foi trabalhar lá de voluntário, na tal capela ai eu falei você pode ir tranquilo, ele e mais outros, pode ir tranquilo, eu só quero que você vem na hora que tiver que pulverizar por que o pulverizador era pesado e eu não aguentava recém recém operada, ai ele pulverizava e o resto eu cuidava eu desbrotava, aguava eu marrava, cuidando de tudo, ai deu um dinheiro bom, ai nós compra uma camionete ai bom tirei o peso da minha consciência, pelo menos eu devolvi, na minha cabeça, eu devolvi uma condução. Ai começamos andando vamos pra aqui praqui li, ai decidimos plantar uma outra horta de tomate já que tava dando tudo certo quatro mil, uma vargem imensa de tomate quatro mil menina num tinha preço mercado nenhum queria, ai ele através de algumas pessoas ele conseguiu um novo horizonte que era levar para o SEASA em BH, ai vai aluga caminhão compra caixa, levou para lá chegou lá o dinheiro num dava nem para pagar as caixas, o dinheiro arrecadado com a venda num dava nem para pagar as caixas, conclusão virou um tapete vermelho a vargem, Tanto tomate, ninguém queria ninguém queria, nossa deu tudo errado, plantamos inhame, vamos esquecer o prejuízo já foi, vamos esquecer, plantamos inhame. O inhame deu bastante, também não tinha comercio e tudo isso eu eu assim culpo o local é é vamos dizer povo, povo tem povo come, só que eles preferem até hoje né comprar do SEASA que vem bonito, aquela banana bonita, grande amarelinha do que comprar por exemplo a banana raquíca né pintada, que num sei o que, é prefere comprar a cenoura grande

bonita, do que comprar aquela raquíca nossa ali, é questão de conscientização e falta de organização também e ai nos perdemos o inhame, não desistimos ! continuamos trabalhando ai a gente teve mudança de vida, vamos cuidar de café plantamos uma lavourona de café, quase morremos de trabalhar, quase morri um dia por que eu estava ajudando ele e estava sameando calcareo e tinha um saco de calcário assim e eu chegava com uma cuia e enfiava a cuia lá assim e blefft ai subia aquela fumaça branca, bom trabalhei o dia inteiro com aquilo, de tarde tinha uma via sacra na casa de uma vizinha e que num faz mal falar essas coisas não?

Tati: não

Maria Margarida: Ai fui na via sacra na casa da vizinha, ai tomei banho e fomos para lá ai no meio do caminho eu senti uma coceirinha mas adiante mas outra coceirinha mas uma coceirinha quando eu cheguei na tal da casa que ficava mais ou menos uns 160 metros de casa, eu já tava me coçando toda ai eu estava me coçando todinha e eu coçava, coçava e inchando a boca, ai eu sentia que incho por dentro assim prendendo a respiração e gente eu não vou ler não, ai o pessoal não você lê seja a primeira, não eu to passando mal, não mas você vai ser a primeira tá beleza, ai eu como sempre nunca gostei de entregar né li. Ai terminando a reza eu fui saindo para porta e uma senhora uma tal de Júlia Paula falou; o Pedro convém cê levar essa mulher sua no hospitale essa mulher sua tá muita runha , a eu falei o gente eu estou precisando de uma palavra amiga um animo, o que ela me fala, ai um rapaz chegou e falou o Vera eu vou chamar o carro do compadre Geraldo e para Pedro levar você no hospital, ai eu falei não num precisa eu vou recuperar, ai eu sai tão apavorada que era meio noitinha, ai eu sai na frente num esperei marido num esperei nada, ai sai na frente e coçando e coçando ai aqui tampando e eu puxando a respiração eu sai tão apavorada que eu tirei o vestido pra me coçar, sai só de calcinha e sutiã pra estrada fora para me coçar, sai desesperada de mais, fui para casa chegando lá eu falei com Pedro pega uma barra de sabão para passar no corpo, ai eu fui para o chuveiro, aquela água caia eu passava sabão no corpo ai eu bebia água e eu coçava e aquele monte de vergalhão ne mim parecendo um monte de chicotada, ai foi indo aquilo passou, eu não tinha conhecimento de nada aquilo foi passando por si mesmo. E ai plantamos café cuidamos uns anos ai depois a gente viu que num tava dando ai partimo pra vaca, ai samiamos braquiária no meio do cafezal, quase morri de tanto carregar saco de muda de braquiária do vizinho que nem semente era era muda, carregando, carregando, depois teve as sementes, antes era muda, ai menina foi assim um meio que uma salvação para nós as vaca dava um leitinho para nós e a gente vendia tinha para despesa e tinha o

bezerro e com o esterco dela a gente plantava roça perto de casa que era o milho, feijão e mais horta coisa que eu nunca desprezei na minha vida foi a horta.

Tati: E esse aí vocês vendia?

Maria Margarida: A horta? Não, só para casa mesmo consumo da família, aí as plantas medicinais que eu nunca abandonei aí começando conhecer o movimento certos tipos de pessoas e aí surge a idéia de fundar uma escola aqui em Viçosa, a Escola Família Agrícola aí juntou o povo de Paula Candido e de Araponga, aí ah ah começamos a discutir sobre isso, aquela aquele encontro aquela troca de experiência fundamos a escola na Colônia Vaz de Melo. Aí fomos para lá trabalhar tanto era desgaste físico como financeiro, por que a gente sai de lá para cá de carro.

Tati: E era só vocês de lá da comunidade?

Maria Margarida: Era só nós da comunidade Taquaraçu aí a gente gastava com a gasolina por conta nossa sem contar alguma coisa que precisava que a gente desembolsava também e pessoal de Araponga vinha aí encontrava lá para construir a escola aí tivemos, o acompanhamento, ajuda do Padre Alex, num se se você chegou a conhecer, que nos ajudou muito, Romualdo, o Sr. neném, e bibim, tinha várias pessoas Só Cosme, fundou, aí fundou-se a escola aí, começou a escola e o aí meu filho T que já tava grandinho estava com 12 anos aí esse foi para escola e mais uns de lá, do Taquaraçu que é o Adriano e outro que é lá da Santa Rosa, que é o Sidney e veio Agostinho Sr. Ninito, vieram para escola estudar e eu amando aquela ideia por a que as crianças tem um convívio diferente de uma escola tradicional né, por que são divididas as tarefas sem pensar no sexo né e já tudo agendando e anotado, tal dia fulano que vão para cozinha é Beltrano vai para limpeza, e isso ajudou muito inclusive nas receitas que o meu filho aprendeu fazer um monte de coisa e aquela troca também de experiência de com as crianças a experiência que vem de uma comunidade vem da outra, trabalho de casa por exemplo que a criança leva para casa para ser feito na comunidade é o convívio com a terra, por que é muito importante. Por que é muito bonito você chegar no mercado tá lá bonitinho lá no plástico, no litro num sei no que e se compra e leva para casa, mas não soube a origem daquele produto, você não sabe como foi feito, aí a Escola Família Agrícola pra mim apesar de não ter em Paula Candido por falta assim eu digo que é por falta de apoio de entidades, aí engloba tudo igreja, sindicato, é Emater, associação, engloba tudo, falta de apoio de aceitação, não que não tenha pessoas com boa vontade no município, tem mas e são poucas pra tá puxando uma coisa maior, e esse convívio com a Terra no caso eu acho que até que as escolas tradicionais, tinha que tá fazendo isso, por

exemplo vamos ter um dia de campo com as crianças, lá na escola normal, vamos ter um dia de campo vamos realizar uma visita na roça tal, par ver como que planta uma cenoura, como que capina, por que tem que desbatar uma cenoura, é isso ai é um pequeno exemplo, mas dentre outros por que seu mando a minha netinha ela esta com cinco anos ela foi para escola tradicional.

Tati: Na rua?

Maria Margarida: Na rua, não tem escola na roça nem aquela que tinha na roça, então ela vai para rua então o que vai acontecer? O ô ô pacote vem pronto, então tem que ensinar éisso, então ela que conhece a roça, que conhece as criações, as plantações, ela que já tá experiente com aquilo, e também que ,eu ensino tanta coisa pra ela eu faço ela fazer silencio para ouvir os pássaros eu explico para ela quanta coisa bonita que tem aqui na roça, olha só e ela mesmo começa falar, pois é vovô, eu conheço galinha, eu conheço porco, conheço cavalo, conheço vaca, conheço passarinho, eu conheço as plantas, ela conversa com as plantas, entendeu ela chega na escola tradicional, vão falar para ela de avião,

Tati: É só de avião. Se falasse de avião e outro também né.

Maria Margarida: Né, por que o pacote já tá pronto e as professoras costuma não ter abertura também para aceitação, dessa mudança te conteúdo aquilo, o currículo já vem ali né baixado é isso. Então eu tenho essa preocupação por que o o meu filho aprendeu a trabalhar com um monte de coisa que outras crianças poderiam estar aprendendo é por que vai para a escola tradicional e ali tem uma trilha, a escola a outra, a universidade e pááá e o estudante forma com o tapa olho, né não vou dizer todos não estou generalizando, mas assim a maioria forma com o tapa olho num enxerga mas nada, muitos por exemplo que fazem agronomia, chega na roça num conhece nem terra ai o que acontece chega lá na roça , bom alguns dependendo do curso tem por exemplo chance de ir para Emater, né vai para Emater, vai fazer um trabalho na roça chega lá ao invés de informar o produtor ele desinforma o produtor. E quando for um produtor esperto num vai embalar ali, e já aconteceu no nosso município inclusive com o agrônomo que tá lá ele fez um cursinho de horta e lá na Emater lá na cidade, por que vem o dinheiro para fazer esse cursinho beleza , e de horta chegou lá eu que dei o curso para ele entendeu não só eu mas ele quis explicar, ele queria nos ensinar cuidar de uma horta.

Tati: Que ele nunca cuidou;

Maria Margarida: Que ele nunca cuidou, bom por isso que é muito importante essa escola família agrícola , educação no campo, mesmo que uma escola família agrícola,

mas pode ser uma escola tradicional mas que tem um olhar para o campo, por que você vai e volta, você volta lá na Terra , você volta lá no campo, dá onde saiu a roupa? Você vai estudar de onde ela saiu, a origem dela você vai lá Terra, Da onde sai o refrigerante? Você vai voltar lá na terra. Da onde saiu o chiclete que a criança está mascando? Estuda pesquisa vai voltar lá na terra, quais as crianças que sabem disso, etá lá mascando o chiclete.

Tati: E Vera você falou dessa importância que seu filho estudou lá, quanto tempo ele estudou lá? Foi um ano?

Maria Margarida: Não foi mais de um ano, eu não lembro assim, por que eu não tinha esse cuidado de anotar, né foi bastante tempo, só que depois houve problemas por que ele era novo então aquelas burocracias de papeis, é eu acho que o sr.neném poderia falar melhor do que eu sobre isso as burocracias de papeis, pra dar ele o certificado de como ele conclui né entendeu, ele não tinha idade para estar nessa escola então foi por isso que ele, houve esse esses problemas ai, depois houve vários problemas também que a escola acabou fechando o que é uma pena. Eu ainda ficou muito feliz que eu não sei direito, mas tem alguma coisa daqui que tá lá em Araponga, a minha felicidade ainda essa que ainda tá servindo o que nós desgastamos para tá fazendo e construindo ainda serve e ainda está servindo para esse escola lá , de Araponga. E hoje tá ali o Geraldinho tá ali coitado mas aquilo ali num tem uma visão de de campo, de Educação do Campo, e hoje graças a Deus hoje tá surgindo igual tem a escola tradicional tá tendo uma abertura para o curupira então nós estávamos com a professora claudia que ela dá escola, então tá tendo uma abertura essa essa esse aprendizado para essas crianças que estão ali, é pouco? É mas tá começando, e hoje com essa exigência de Educação do Campo eu creio que vai mudar muito, não de tá criando escolas famílias agrícolas, por que isso é difícil é uma burocracia danada eu sei da muito trabalho, eu sei o que você já passou ali . E sei que as outras passam as pessoas trabalham ali não pelo o dinheiro, mas sim pelo amor a causa, por acreditar nesse projeto de vida, por gostar mesmo, por que se não não trabalha, é difícil mas com essa proposta e realmente vingando essa educação do campo, que eu acho que Deus abençoar eu acho que vai mudar muito.

Tati: E no caso por exemplo você sempre falou que participava na comunidade, é das reuniões ali, da igreja como foi essa inserção sua, você começou a participar do cta, como foi essa chegada nessa escola?

Maria Margarida: É foi na reunião foi o Padre João Batista Barbosa que hoje tá em Ervália, ele que é o pai, ele é que incentivou nós a participar dos cursinhos, de CEBS que

foi feito em Porto firme, e ai a gente enganjou o indicebs, fé e Política, ali a gente foi descobrindo a necessidade de organização inclusive do sindicato que não tinha que até então não tinha e ai a gente partiu para fundar o Sindicato fundamos o sindicato.

Tati: Paulo Cândido?

Maria Margarida: É Paula Cândido, isso foi em 1993 18 de maio, noventa e três..ai a gente viu a necessidade de fundar o partido político agente fundo e continuamos rezando e agindo, rezando e agindo. E ai vem vindo o sindicato é que foi a chama do cta. Ai o cta, foi tudo mais ou menos um pouco depois do cta num foi muitos anos antes depois não, ai o cta já chamou para participar das reunião e ai começou, e nisso tamo até hoje e foi através desses movimentos é que eu descobri a medicina alternativa também, por que o meu sonho era conhecer um pouco de plantas medicinais, mesmo quando eu morei em Viçosa eu colocava na janela, eu pregava um sarrafos de um lado e de outro , colocava de umas tabuas de fora da janela para por as vasilhas de plantas de hortelã, de salsa de sempre eu tinha umas coisinhas. Ai eu tinha uma vontade imensa de conhecer de saber! Pra que serve o abacate? a folha do abacate como que usa ai eu tinha aquela curiosidade. E nesses movimentos eu comentando sobre isso que eu tinha vontade de conhecer e nisso chega um convite até nós através da carmita de Porto Firme, chega um convite para nós participamos de um curso de biodigital em Visconde do Rio Branco dia tal no lugar tal tal opa! Eu vou, só que chegando lá o curso foi além do que eu imaginava atendeu a minha expectativa, mas foi muito ... ai na hora lá eles perguntaram assim que eles queriam fazer uma demonstração e quem seria a cobaia, eu fui pra lá e eu tinha, na época eu tinha muita dor de cabeça muita dor no pé da barriga e então quando eu pisava no chão parecia que tinha umas cem agulhas eu dizia o meu Deus o que eu tenho. Ai a eu consegui um dinheiro para pagar um médico lá em Ponte nova, Dr. Baltazar Ginecologista que faltou pouco me virar do avesso falou que eu tinha muita infecção de útero e falou que eu tinha que tratar fazer o exame tal tal , beleza ai eu cheguei em casa e minha sogra me deu o dinheiro para comprar o rémedio ,só que tinha que fazer um monte de exame e não fiz ai tomei o rémedio só e ajudou um pouquinho mas nada resolvido continuou continuou ai eu fui nesse curso quando eu fui ser cobaia lá e que eles fizeram o teste e falou que eu estava com útero muito inflamado e falou que eu tinha verme na cabeça e esse verme atacava os olhos que tinha vezes que meus olhos coçavam e ficava vermelho e ai passaram um chá que eu fiz e nem fiz a revisão, um pessoal de Carangola, ai usar o barro e e lembro direitinho que o meu marido falou assim, você vai por essa quantidade de barro era para por aqui aqui (mostra na cabeça, olhos, abaixo do umbigo e no seio) que o meu

seio ficava que dava uma dor que sai daqui a aqui e parecia que ia vasar alguma coisa ai eu pus barro nessas quatro parte cabeça, olho, seio e barriga e o Pedro falou assim : o Vera como é que você vai fazer? Ai eu vou colocar o chá na garrafa, ai vou colocar o barro aqui na cabeça, vou colocar dentro de um pano vou colocar nos olhos vou deixar uma bacia de barro para mim colocar na barriga deitada, eu coloco e vou deixar um despertado para despertar para mim tomar o chá ai coloquei um papelão no chão do quarto e deitei. Ai ele falou; mas e se chegar alguém você manda entrar por que já que eu vou trabalhar tem que conhecer como é o esquema, ai quem chega lá em casa comigo todo cheia de barro o maurilio, você conhece ele?

Tati: Hum

Maria Margarida: Maurilio rapaz, ai ele gritou o Verinha maurilio tá aqui, manda ele entrar, ai diz o Pedro que quando o Maurilio me viu levou um susto por que eu estava igual um ET né, e eu não podia ver ele, e o Pedro conta a cara do Maurilio, e o Maurilio assustou comigo, ai graças á Deus foi uma benção de Deus acabou as fincadas que eu tinha na barriga, acabou minha dor de cabeça, acabou a dor que eu tinha nós seios acabou tudo. Então tudo é através do movimento e que eu fui conhecendo e apreendendo e por isso que hoje eu não desligo do movimento de jeito nenhum por que hoje a cada intercâmbio, a cada oficina, a cada visita que eu faço é eu num levo só, eu trago, entendeu? eu vou para uma oficina a pouco tempo teve uma oficina lá na Escola Família, ai eu levo o que eu aprendi da maior simplicidade por que eu num estudei eu num tenho como fazer grandes coisas para estar mostrando. Eu mostro a minha experiência e o que eu tenho e as minhas plantinhas e passo a mensagem e recebo várias experiências e por que estar recente, por exemplo foram receitas práticas que já foram usada e tem resultados, entendeu? E as vezes, as vezes não, sempre eu falou, mas eu também recebo da plateia receitas também que foram usadas lá e entendeu.

Tati : Então no caso você fala que participo que você saiu de Paula Candido e vinha até a colônia. Como era isso? Você vinha sozinha, vinha com a Família?

Maria Margarida: Eu e meu marido,

Tati: você e seu marido.

Maria Margarida: É e nessa época as crianças ficavam por que a Jaqueline já estava grandinha e ela ficava tomando conta lá a gente, a gente vinha para trabalhar no caso os homens iam pra obra, algumas mulheres ajudavam mas,algumas ia para cozinha .entendeu cozinhando para o trabalhadores e as vezes trocava também na parte da tarde aquelas que estavam na cozinha iam lá para obra ajudar, por exemplo fazer uma massa

carregar alguma tabua então né, a gente trocavam né. E tinha dia que nem todas vinha, mas já ficava combinado oh sábado, e era só final de semana, sábado que vem a Vera num vem não vamos viu, vamos ver quem vem quem num vem pra ver como fica o esquema precisava de tantas mulheres pra tá cozinhando, pra tá lavando louça entendeu? E ai era desse jeito.

Maria Margarida: Num tinha telefone nem nada pra gente comunicar ficava resolvido num sábado para outro.

Tati: risos. É por que num tinha como falar .

Maria Margarida: Né então

Tati: E com essa finalização, vamos dizer assim terminou as atividades no CEPA não teve mais aula como é que foi , Por que assim, o que aconteceu?

Maria Margarida: oh ...eu assim .. igual assim te falei o Sr. Neném sabe te dizer melhor disso do que eu, pra eu falar com você o que houve eu não sei só sei que houve assim um um desentendimento, um desentendimento ali é a Igreja, a Diocese no caso que coordenava lá o geral houve um desentendimento.

Tati: E quando Começou a escola lá em Araponga na EFA Puris você chegou a se envolver com alguma coisa? Como que foi?

Maria Margarida: Não

Tati: Teve contato?

Maria Margarida: Não, conheço a EFA já fui lá umas duas vezes mas eu não tenho lá aquele aprofundamento é teve visitas por exemplo do Sr. Neném para falar que umas coisas ele iam, mas assim eu não tenho assim aprofundamento da escola lá não, conheço, simplesmente conheço, mas é isso então é isso.

Maria Margarida: Vera eu num sei se você quer perguntar alguma coisa falar mais alguma coisa,

Maria Margarida: não o que eu sei é que o trabalho é muito bem feito eu sei das dificuldades né bastante das dificuldades, mas sei muito bem das dificuldades suas das divisões de trabalho, da questão do respeito com os alunos e alunas eu sei disso que vocês ralam para fazer isso na realidade isso acontece o respeito, a realização dos trabalhos, os afazeres então eu não tenho dúvida que é uma coisa ótima não, entendeu

Ficha de Identificação

Nome fictício: Maria da Penha

Local: Casa da Maria, Ervália - MG

Data: 13/11/2014

Duração: 19 min e 52

Condutora/Pesquisadora: Tatiana da Rocha Vieira

Tatiana: Então, Maria da Penha vou pedir para você contar um pouco da sua experiência de vida, a sua experiência de vida na zona rural. Como é que foi isso assim você sempre morou na zona rural, Como é que é? .

Maria da Penha: Eu fui nascida lá onde tem a escola Família Agrícola, lá em Dom Viçoso, nasci lá fiquei lá até os meus vinte e oito anos, depois fui para São Paulo, depois fui para o rio, mas lá no tempo que eu vivi lá trabalhava na roça num tinha outra, você conhece lá , lá num tem nada tem ser roça mesmo, ai fiquei todo esse tempo trabalhando na roça.

Tati: Ai no caso você saiu depois nos anos pra frente voltou.

Maria da Penha: Eu fui para São Paulo fiquei oito meses, ai depois num deu muito certo ai no mesmo ano vim de lá em Janeiro, no mesmo janeiro já fui para o Rio, fiquei onze anos e de lá que eu vim e voltei pra lá. E comecei a participar das reuniões da escola agrícola.

Tati: E assim como é que foi no caso, teve alguém que tipo chamou convidou como é que vocês ficaram sabendo dessa proposta?

Maria da Penha: Da reunião

Tati: Da escola, como que foi?

Maria da Penha: Igual eu falei eu já peguei já estava andando, já estava meio caminho andando assim, já tinha a reunião o João Begmamin já vinha mais a esposa para dar a reunião na igreja , então eu já peguei de dois mil e três pra frente, mas tem uma história bem antes. É os cara que participa lá é o Geraldinho o Carlinho, essa época eu num peguei de dois mil e três pra frente essa parte dai pra frente.

Tati: E na época por exemplo, que você começou a participar como é que era no caso tinha mais mulheres era...como era isso?

Maria da Penha: Na associação? É nos associados os sócios com tudo?

Tati: É o grupo que participava

Aparecida: É no início era novidade tinha muita gente participando das reuniões muita gente aceitou fazer parte do conselho administrativo. E também confiando que a Escola Agrícola é eu cheguei quando eu vi eu falei é isso aí que eu quero participar para mim ver até onde vai. Eu achei uma coisa eu gostei, foi até que tirei a minha filha e levei pra lá, e é isso aí eu daí pra cá que eu comecei, aí num largei mais, aí meio assim capenga até que uma época fiquei com tanta raiva e saí foi ano passado outro, saí por que eu não tava mais aguentando né a situação que está lá e então é uma coisa que eu gosto de ajudar e festa sempre ajudei a fazer festa e eu gosto.

Tati: E como era a proximidade com o pessoal de Araponga assim, quando você chegou lá existia essa proximidade como que era?

Maria da Penha: Eles falavam muito do Sr. Bibi, do Sr. Neném, e sempre tava lá nas reuniões, assim, a filha do Sr. Neném que é a Rosana também ia nas reuniões, mas era isso por que a deles ainda estava em processo de né, num tava funcionando igual a nossa aí mas era bom a participação do da daquele Sr. Cosme que também já morreu, também vinha muito, mas era legal eu assim gostava, sabe.

Tati: Mas eles iam lá no caso pra colaborar ou era pra todo mundo discutir, como era assim as reuniões?

Maria da Penha: É por que no caso que eles tava, muitas vezes eles estava querendo implantar a escola lá eles iam pra também interesse deles e dava opiniões também pra ajudar, mas assim eu acho também que eles queriam, mas era aprender muitas vezes eles iam em reunião lá o João Begnamin tava lá e assembléia eles iam lá e convidada eles vinham e participava, mas assim eu no meu pensar eu acho que eles tava mas interesse em apreender mais, por que eles queriam é inaugurar a escola deles lá.

Tati: E depois no caso no andamento da escola como foi, assim é a existia alguma participação das duas escolas junto? como que era? depois que começou a funcionar?

Maria da Penha: Ué teve uma época que ficou meio afastado, depois que começou mesmo depois que os meninos foi pra lá né, igual minha filha o Genro a turminha foi pra lá, parece que ficou mais, acho que ficou mais assim como é que fala aproximou mas por que agora tá é por que também tá indo aluno para aí tem um diálogo um como outro, mas teve uma época mesmo que tava para implantar a escola eles viam mas, participava mas num era aquela coisa, até nós fomos lá visitar a escola deles, foi um ônibus de gente daqui foi visitar. Então é assim. Mas assim foi uma coisa proveitosa gostoso.

Tati: E você como que foi sua inserção? No dia a dia ali da escola.

Maria da Penha: A minha participação?

Tati: É sua participação

Maria da Penha: Bem, na primeira na primeira é como é que fala , fuge

Tati: Reunião?

Maria da Penha: Não a assembleia, não quando teve eleição para forma o conselho eu fui a na época acho que eu fui a secretaria, acho que era era secretáriaacho que era secretária, era secretária acho que foi mesmo , tem tanto tempo foi em dois mil e três ou dois mil e quatro, num sei era assim, você sabe aquela escola ali a gente tá ali é muita opinião a gente vai vai mas para traz do que para frente. Foi levando mas assim a participação assim do que eu fiz eu gostei andei faltando, mas quando fui implantar a escola um ano antes da escola começou a funcionar eu e a Jandira capinamos o quintal, fizemos a cerca e para fazer a horta quando a escola começou já tinha alguma coisa plantada, mas foi por que nos quis fazer, por que a a gente queria ver a escola funcionando e né, e até para inaugurar nos corremos atrás eu vim aqui conversei mas acabou que num deixou , poder público que mexe muito, então não deixou inaugurar, agora por que eu num sei , acho que esta até hoje sem inaugurar .

Tati: A obra?

Maria da Penha: não a Escola. Aquela escola não é inaugurada. Não acho que não inaugurou por que a politica num deixa dá uma raiva um que ai fica aquele negócio, então acho que assim a minha participação, no caso eu posso falar da ..

Tati: E no caso como que você se sente dentro dessas discussões dessa história, por que tem uma questão de participação da mulher como é que você sente em relação a isso assim?

Maria da Penha: No caso o que eu vejo do grupo?

Tati: É em relação a você mesmo.

Maria da Penha: ah

Tati: como que é que você recebe, como que os outros te recebem, como é essa relação assim , o que você acha.

Maria da Penha: Na época do Gilberto era melhor por que o Gilberto você sabe assim, discutia a discussão dele num ede briga era discussão de interagir , ver o que tava errado ver o que tava certo, era fácil para comunicar com ele e eu no meu caso eu achava bem melhor naquela época assim, podia fazer as coisas dava opinião, hoje em dia a gente não pode dar opinião e tinha mais gente participando é o que eu acho. É assim podia participar mais assim deixava as pessoas falar, né agora nessa administração de agora eles num

deixa a pessoa falar, qualquer momento eles estão cortando aí a pessoa fica com raiva da reunião vai embora, então eu acho que no começo teve melhor.

Tati: E assim você acha que no começo, por exemplo, você que estava ali sempre é você sentia, como você se sentia no grupo? você se sentia bem recebida, que você podia se expressar e tudo.

Maria da Penha: Então no começo era, é igual eu te falei na época do Gilberto podia, a gente tinha como comunicar como outro a gente punha as idéias pessoas iam e analisavam, eu acho que era uma coisa que você podia discutir e ele dava oportunidade para pessoa discutir mas sobre muita coisa que foi feito também sobre horta, a gente ia na Emater, curso de doce nos fizemos ali na escola, de costura foi que eu conversei com as num sei se foi a Dalila levou num sei se foi do Senar uma mulher para ensinar, só que isso tudo foi esquecido, né só tá lembrando de curso de costura agora da máquina que está lá agora Jandira tá fazendo agora, não já teve curso de costura lá já teve vários cursos, que as pessoas que no início a escola tá começando num é aquela coisa igual falei vocês, hoje em dia era para estar lotada de aluno por causa da quantidade de tempo que ela está funcionando, por que no começo você corre atrás daquilo, o pessoal ainda num tá acreditando ainda na escola hoje em dia não, a escola já tá mais é já tem o que sete para oito anos que está funcionando, então eu já acho que era para ter bem mais aluno ali, né mais me parece que tem até menos do que quando começo, num tenho certeza, pois entrou com setenta no começo e as pessoas nem táva acreditando na escola.

Tati: E nem tinha todas as séries

Maria da Penha: E começou com setenta e só era duas turmas. Era a quinta e sexta, e inclusive a sexta série num ia ter, ia ter a quinta aí eu tava lá conversando com João Begamin, aí eu falei o João eu tenho a minha filha que está na quinta, eu não tô afim de volta ela para trás não, entendeu por que ela já entrou atrasada aí eu num to querendo voltar, aí ele falou assim nos abre a sexta série ela começa na sexta, foi aí que começou da sexta pra frente, aí proveitou e veio bastante aluno que tava na sexta tinha uns que tava na sétima e voltou para sexta, mas ele iria voltar só um ano, então aí uns animou mais a estar vindo.

(Interrupção)

Tati: E durante esse tempo, igual a escola está com sete anos de funcionamento você falou participa por que gosta, mas o que mais motiva assim a participação, o que o você gosta?

Maria da Penha: Eu eu , ah eu te falar a verdade assim , eu por que eu acreditei na escola eu achava que era uma coisa, achava não, eu acredito até hoje só que tem que mudar alguma coisa , eu acredito que a escola é uma coisa mais nova né, por que a escola estadual, municipal tem muitas , mas ali é uma escola que ensina mais tem mais matéria eu acho que ensino diferenciado dos outros, então assim num é todas as matérias, tem a matéria das outras escolas e mas também a matéria diferente que tem na que a criança aprende bem mais sobreo, ali é mais pra quem quiser viver no campo já tem um ensino para o campo e se quiser e pra cidade também, né. Então une as duas coisas, então assim achei legal essa escola por isso que ai depois a pessoa quiser ficar na roça já sabe já tem prática e se for, para ir para cidade já vai seguir o seu rumo.

Tati: E no caso o pessoal ali da comunidade, o pessoal entorno da comunidade assim como você vê a população ali em torno da escola.

Maria da Penha: tá falando da escola?

Tati: Da escola ali, a convivência a cultura do pessoal, como você vê isso, assim da sua vivência lá da onde você morou?

Maria da Penha: Você vê ali que a cultura ali de plantação é mais é café né.

Tati: não a cultura geral.

Maria da Penha: Então.

Tati: Gente essas coisas, a relação ali com a escola, o pessoal ali em torno da escola, como que é, o que você acha assim.?

Maria da Penha: Eu... o que eu acho assim, é que aquela é ... como é que eu falo. No começo igual eu te falei as pessoas tava mais ajudava muito interagia, assim com alimento é é alimento para a escola, alimento para reuniões, é igual leite essas coisas assim dia de reunião as pessoas doava né as vezes fazia bolo em casa levava para escola, para ajudar a escola, acreditava muito na escola, mas hoje em dia parece que está um pouco desacretida, né então assim as pessoas todas reclama, o que eu vejo da comunidade várias pessoas reclamando por que assim que na época que antes era melhor pra tá lá que né o Gilberto dava mas atenção, o que os que tá lá num dá, mas eu isso que eu vejo escuto.

Tati: tinha uma aproximação maior, né

Maria da Penha: Então, as pessoas tinha vez que chegava no Gilberto ele tava ali, ele dava atenção meio que coisa mas dava, atenção a todo mundo e hoje em dia, o povo foi um pouco afastando de lá por isso eu acho , chega lá num dá atenção, as vezes vem com mal resposta. Então, ai as pessoas foi afastando, igual eu to, até que tem um mucado de

gente mais é aqueles que tá ali firme mesmo, mas a comunidade mesmo você faz uma assembleia num lota como antes, antes a gente lotava aquela igreja , aquela igreja é grande, agora , no início que eu vim do rio para cá aquela igreja enchia até na porta, tem a relação eu não sei se está na escola, o grupo de todo mundo assinava nas atas, então assim só não me lembro o total de quantas pessoas participava, mas que a igreja lotava. Depois que começou lá também a lá no início era assembleia lotava, era cheia as reunião mesmo que era coisa assim de mês em mês, tinha bastante gente, hoje em dia é somente associação e olhe lá, mesmo assim nem todos. Então eu acho que ah, a gente ia fazer alguma coisa que a comunidade estar apoiando a escola, né tá interagindo com a escola, então num tá muito mas eu acho que tem como a gente ta fazendo isso. Mas como se a pessoa num aceita opinião? ...Tem que tirar ele de lá no caso, mas ninguém quer tirar ele de lá. Hhahahah é complicado, num é que ninguém quer, ninguém quer dá a cara, igual eu falei eu posso até chegar e falar mas eu falei. Eu tava falando com Robson falei com o Geraldinho, a gente tinha que fazer uma reunião ver quem tá apoiando e quem ninguém tá querendo chegar na cara dele e falar, fazer uma reunião e ver quem apoia, é tanto se é aquele tanto, é nove que vai apoiar , chama esses que ele acha que vai apoiar e ai esse nove apoio, tem que ser oito mais um? Não.

Tati: cinquenta mais um

Maria da Penha: Não, cinquenta mais. Então me parece que tem até mais de nove. Então. Assim tem nove garantido então vamo lá, né e chega lá e fala, marca uma reunião com associação todinha, e vai ter uns que vai tá a favor e que até briga lá que você mesmo tá vendo, mas na hora falar lá o Joel vamos votar, tá ai quem quer para ele sair tem nove, é quatro ou cinco mas nós é nove então Joel comunica não precisa ninguém o Joel ele é presidente, né? Com o apoio dos outros eu acho está faltando isso eu já falei com Geraldinho, Geraldinho é meio ele num aceita muito opinião de mulher, num sei se você entende isso mas eu sei disso então, ele num é assim.. é igual a, é igual Priscila é secretaria agora da escola ele aceita mas a opinião do Robson do que dá Priscila e o Robson ele nem faz parte da Associação, ele aceita mas a opinião do Robson do que dá Priscila, ele é machista ele num é aquele negócio, então.

Tati: você acha que essa questão de ouvir as mulheres isso acontece desde do início? Como que é? Na Associação antes.

Maria da Penha: Era Pior

Tati: Era pior

Maria da Penha: Era pior, na na no primeiro conselho era pior ele era o presidente e então o Geraldinho era o presidente então assim escutava né mas a opinião num valia muito, então eu acho assim depois disso ele foi aprendendo foi tomando umas né, foi tomando marretada acho que foi mudando. Né... Por que teve uma vez que teve uma reunião eu falei uns negócio na reunião, ai ele me cerco no meio da rua pra me falar , eu tava indo levar a menina para coroar na igreja e a procissão já tá indo, e eu querendo sair e eu falei Geraldinho depois nós conversa que eu tenho que ir para Igreja. Ai teve uma outra reunião na casa do Adão ai o até esqueci o nome dele ai o cunhado da Ieda do zé nico ai tava lá na reunião, ai eu peguei e falei o cara falou que num podia falar assunto de reunião, assunto de reunião fica na reunião num precisa de levar para rua, mas é você acha que é certo mas fulano falei na cara dele Dinho me cercou lá no meio da rua por que eu não podia discutir que eu não podia fazer isso, que eu não podia fazer aquilo, o cara falou assim tá errado, assunto nos discutimos aqui dentro não é no meio da rua , nunca mais cortei ele de uma vez.

Tati: hum hum

Maria da Penha: Então assim ele tem que aprender num é do jeito que ele quer ali é um grupo, né. Então fica meio complicado, mas ele melhorou, eu acho que ele melhorou bastante do começo que ele era, depois o carlinho entrou o carlinho é mais de aceitar idéia, assim num que ele aceita muito mas também num vai contra fica meio termo mesmo que ele faz do jeito dele mas num é tudo que ele faz do jeito dele mas a gente vê que.

Tati: Toma opinião

Maria da Penha: É toda opinião mas você vê que ele vê o que dá mas certo, mas é uma coisa que deu certo, só que esse último conselho que teve agora Sr. X é uma coitado por que só sabe assinar o nome, como é que você assinar cheque sem saber o que está assinando então eu sai fora por isso, por que se tivesse alguém com má intenção que eu não sei, num to falando que tinha alguém com má intenção, mas se teve ele colaboro por que ele num sabe lê eu saiu fora por isso, eu to qui, teve um dia que eu tava qui na sala aqui e tava ele (coordenador da EFASB) trouxe o cheque pra mim assinar o Coordenador ai eu falei mas tinha que tá o que é para pagar, pra mim assinar? Ah mas você num tá lá, que num ... Ai começo..., falei tudo bem assinei o cheque em branco, lá você bota o valor que você quer, então mas não podia falar ,se falasse ele gritava e tem aquele negócio se gente num tá ganhando, pra que a gente vai levar desaforo.

Tati: hehhe. Maria da Penha, assim tem, mas alguma coisa que você gostaria de falar.

Maria da Penha: De?

Maria da Penha: A respeito da escola?

Tatiana: Da escola, da sua vida algo que você acha que seria importante

Maria da Penha: Assim pra comunidade?

Tati: Não pra você, de você pra você mesmo algo que você acha importante alguma dificuldade que você passou, alguma coisa

Maria da Penha: De mim tem muitas, tem várias pode ser família essas coisas?

Tati: pode

Maria da Penha: Como você sabe tive meus filhos separei, separei não ele foi embora para lá eu tive que cria ele sozinho sem ele sem pensão em nada só eu Deus mesmo. E isso foi uma dificuldade já desde o começo eu já fui criada também sem pai, fui criada na casa dos meus avós e trabalhando na roça daí depois eu me casei não deu muito certo criei meus filhos sozinha e to , é isso ai, é graças a Deus está todos criados, os dois os dois homens já tá trabalhando ela já tá também caso tá fazendo faculdade. Então assim graças a Deus e com trancos e barrancos dei conta.

Tati: então obrigada pela conversa.

Ficha de Identificação

Nome fictício: Maria Bonita

Local: Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Araponga – Minas Gerais

Data:15/11/2014

Duração:21min e 52 seg

Condutora/Pesquisadora: Tatiana da Rocha Vieira

Tati: Então Maria Bonita queria que você contasse um pouco da sua experiência de vida na zona rural, como é que é? Como é dia a dia

Risos

Maria Bonita: como é que começo? kkk

Tati: kkk

Maria Bonita: Eu desde pequeninha eu já acompanhava né meus pais na roça na verdade sempre gostei de ir para roça do que estar em casa trabalhando ajudando a minha mãe. Então desde pequeninha comecei na roça e ai como diz eu fui crescendo eu já tocava né uma lavoura a meia com meu pai.

Tati: lavoura de café?

Maria Bonita: É, entre aspas né, por que a gente implantou uma lavoura lá ai eu peguei uma parte pra mim toca, mas sempre cuidei de horta né que como diz as irmãs mais velhas vão vão casando vão saindo.

Tati: Você é mais nova no caso das mulheres?

Maria Bonita: Eu divido a turma tem dois casais pra cima e dois casais para baixo e eu fique no meio, e eu fiquei como se diz sem decidir se era uma casal se era uma só kkk.

Tati: kkk

Maria Bonita: Ai fico aquele negócio, você sabe como família funciona é cada um se responsabiliza por uma área minha irmã mais velha trabalhava cuidava de horta, vai casando. Então vai chegando os mais novos e ai desde de pequeninha eu já trabalhava já ajudava na roça, na horta, ai a responsa já passou pra mim mesmo na roça e eu como diz cresci com aquela coisa plantando horta, plantando fruta. E eu sempre queria ter um pedacinho de terra que eu pudesse plantar pra mim ai comecei trabalhar para isso. Em 2001 que surgiu né a compra coletiva lá em São Joaquim que era a conquista de terra conjunta ai surgiu essa compra de lá e eu falei assim eu quero um pedaço, hhhaaha.

Tati: ahha

Maria Bonita: Só que eu queria o que um hectare e meia de terra ,ai no final das contas a propriedade era muito grande e tinha muita gente interessada e depois por um motivo ou outro foi desistindo, acabou eu ficando com um alquere e uma quarta, então eu fiquei com mais do que eu queria e e e ai que eu pude é , né plantar mais coisas e hoje eu tenho muita fruta, lá tenho hortaliça, né então minha história na terra é mais ou menos assim

Tati: E como que você começou a assim se envolver com os movimentos? Com a EFA com essa coisa toda. Como foi isso ai.

Maria Bonita: Bom a gente num sabe dizer assim a eu comecei assim

Tati: ahha

Maria Bonita: mas desde de pequeninha, igual eu falei como eu sempre acompanhava muito o meu pai ele querendo ou não. Eu ia atrás e ai ele participava de movimento. E então de vez enquanto tava eu lá eu lembro muito de uma época eles fizeram uma demonstração de compostagem orgânica e ai foi fazer na prática montagem do composto, ai eu lá explicando a diferença de solo né da importância da cobertura do solo, e eu to lá, mas isso assim eu tava muito pequena eu tinha mais ou menos sete anos por ai e eu lembro disso, ai acompanhando a vida dele a gente vai adquirindo conhecimento a gente vai envolvendo e quando você ver a agente já tá

Tati: É já tá

Maria Bonita: Agora assim direto mesmo, eu lembro que em noventa e nove eu tava terminando o ensino médio e o sindicato precisava de de alguém que mexesse em máquina aquelas máquinas antigas.

Tati: De escrever.

Maria Bonita: É de datilografia. E não tinha quem sabia e eu sempre fui muito enxada estava mexendo com uma velha que passou lá por casa e olha pra você ver, uma máquina que ficou um tempo lá e eu tava mexendo nela e nessa época sabia mais ou menos como a máquina funcionava já sabia catar na máquina, precisava de alguém que fizesse isso pra aquele momento, por que Romualdo tava saindo e era Romualdo que fazia esse serviço ele tava indo para o CTA e ai eu entrei não foi por escolher, nem por que eu queria não, foi por que precisava de alguém desse jeito e acabei entrando e ai como se diz você envolve com um tiquinho e quando pensa que não, você vê você está envolvido até a cabeça, mas direto foi isso que me trouxe , mas .

Tati: E E com a questão do CEPA lá em Viçosa você teve contato? Com a experiência lá

Maria Bonita: Iche foi muito tempo lá, eu tava nova, não era na minha época, num era da turma que tava lá já e ai e eu fui muitas vezes lá enquanto o pessoal já tava lá né estudando, lá nós fomos acompanhando muito, ajudava a trabalhar lá né, por que meu O meu pai fazia né parte dessa associação e então eles ia lá fazer mutirão, por que lá a maioria das coisas foi feita com mutirão mesmo, então ele ia lá e a gente enfiava no meio. Hahaha

Tati: hahah

Maria Bonita: Eu sei que teve muito problema lá por que teve o padre que depois, como se diz queria que as coisas fossem só do jeito dele e existia uma associação que também achava que as coisas deviam ser diferente, ai acabou não dando certo e naquela época num consegui nem autorizar a documentação e o pessoal que estudou lá teve que acabar fazendo supletivo pra

Tati: Pra reconhecer

Maria Bonita: É pra reconhecer né o ensino que eles tiveram lá então acabou fechando por causa dessas divergências que tiveram lá.

Tati: E depois que fechou lá, como foi essa questão de transferência que algumas pessoas chegam comentar que a EFA que tem aqui foi transferida, transferida assim em termo de documentação.

Maria Bonita: Na verdade num foi assim a gente vamos lá transferir. O que aconteceu é que a gente queria né, trabalhar uma EFA aqui e ai não tinha como se diz nada ainda e ai surgiu o projeto que poderia financiar uns recursos igual cama, colchão algumas coisas assim, porém a associação não podia ser criada naquele momento,

Tati: tinha que já existir

Maria Bonita: É, já tinha que existir pelo menos há dois anos e ai a gente falou pô a gente tá aqui trabalhando a criação de uma já aparece essa oportunidade de recurso né, para funcionar e a gente vai perder. Ai foi que teve a idéia de pegar a documentação que já existia de lá e transmitir por que tava tudo parado, por que num tinha responsável num tinha nada, só não sumiu essa documentação toda por que o Geraldo foi um estudante da EFA, da CEPA lá na época e fico na casa lá e guardou isso, ai guardou lá. Então ai a gente foi lá ver se existia essa documentação se agente podia aproveitar e a maioria do pessoal da associação era daqui, tinha outras que era de Paula Cândido se eu não me engano de Acaiaca, mas a maioria era de Araponga e como num tava funcionando também, então falamos vamos aproveitar isso e trazer. Ai achou essa documentação lá ai o que a gente

fez foi trazer dessa documentação de um pessoal que tava na associação ao invés de criar uma outra só alterou o estatuto, alterou a documentação dessa CEPA que já existia,

Tati: E no caso quando vocês fundou, estava fundando a escola aqui como é que foi esse processo, vocês participaram de reunião era só Araponga tinha mas gente , tinha reunião em Dom viçoso, tinha reunião aqui como era isso?

Maria Bonita: Foi um processo longo talvez coisa que eu saiba te falar aqui agora, o processo longo transferiu essa documentação da associação pra aqui, a gente ficou aqui trabalhando com associação um tempo para até então implantar a EFA de fato pra você ver que os equipamentos que a gente comprou com esse projeto ficou guardado aqui no Sindicato por que não tinha outro lugar para por , então comprou computador, colchão, cama. Fico tudo guardado até na casa lá de cima esperando a gente conseguir construir essa parte pedagógica de implantação de uma EFA é matriz essas coisas uma documentação de uma EFA e ai ficou guardada aqui. E teve vários momentos de capacitação teve momento que a gente sentou só Araponga com a AMEFA teve a AMEFA que ajudou a construir esses planos de curso e então teve época que só sentou AMEFA e só Araponga com a associação daqui e teve momentos que já foi coletivo e teve momentos que eu num sei quantos eu num sei te falar por que eu não participar desses encontros foras, mas teve em Belo horizonte, né teve em outros lugares, teve uns outros encontros que chegou a ter foi até em Muriaé de Educação do Campo então assim teve vários momentos e talvez esses momentos diversos eu não sabia te falar mas.

Tati: E como você hoje e até durante mesmo o processo da escola, como você vê essa aproximação assim com esse território né por que no caso aqui são dois municípios próximos e como você vê essa relação das escolas do próprio território.

Maria Bonita: É difícil falar disso né por que

Tati: É

Neide: O Território ele foi criado, como se diz pra mim ele devia ser criado para o desenvolvimento do município como todo e ai houve sei lá um entendimento que o território era seria simplesmente uma fonte de recurso para financiar as atividades que tava ai e acabou que a maioria dos municípios e das organizações envolveram nesse território mas num consegui pensar numa coisa mais ampla que fosse desenvolvimento desses municípios coletivamente e então se você for pensar hoje sei lá ne numa numa, alguma proposta coletiva para todos os municípios que isso não conseguir fechar muito, e ai acabou dando uma coisa ruim dentro do território, por que o MDA hoje ele diz que pode ser só prefeitura não pode passar recurso assim que as entidades vai dizer de forma

que pensa, tem que ser a prefeitura que vai executar, já vai falar como vai ser executado. Mas antes o pessoal ia para lá para defender esse recurso pra melhorar o município mas num era uma coisa pensada coletivamente e ai é que no meu ponto de vista foi uma coisa muito ruim dessa forma por que colocou os movimentos para brigar entre si querendo recurso e só foram prá lá para brigar para ter o recurso que desenvolver coletivamente as entidades independente de que entidade que fosse, e eu ainda falo que ao mesmo tempo que o MDA facilitou isso por que deixou o grupo gestor o conselho de território pensa desse jeito, analisar os projetos tudo desse jeito e agora dizer que num pode. Então assim é o grupo gestor ele foi se formando pra pensar para analisar os projetos deles, analisa o projeto de Ervália se o projeto de Ervália é interessante se é beleza a gente aprova ele, se não é a gente fala a gente vai aprovar o outro de acordo com a votação e ai eu acho que não devia ser assim por que se pensar se tiver recurso suficiente para pra aprovar o projeto de Ervália, pra aprovar o projeto de Araponga por que que coloca os municípios brigando entre si por um recurso e talvez era mais pensar projetos menores mais fácil de execução, mas que contemplasse os municípios todos ai sim eu acho que ser o desenvolvimento enquanto território e nisso não foi, ao invés de fortalecer as EFAS, é claro que fortaleceu mas fortaleceu ela só, né mas por exemplo se Ervália tem um projeto bom e reconhecer esse projeto, mas lutou por ele sozinha lá então num teve uma ajuda uma construção coletiva e então hoje eu falo que as EFAs envolvidas no Território eu acho que enquanto desenvolvimento não tá ela tá travando sozinha e a briga que tá, nem sei, o trabalho que tá de divulgação dessa EFA pode envolver o território mas não há uma discussão lá dentro do território um projeto de desenvolvimento dessas EFAS.

Tati: HUM. Maria Bonita tem mas alguma coisa que você gostaria de falar de comentar de citar assim ou perguntar num sei..

Maria Bonita: ah é por que as vezes a gente nem pergunta por que as vezes a gente nem sabe o que pode ir, mas assim em relação as EFAS né as EFAS estão com muito problema sim né principalmente essa questão de ter que ficar mendigando recurso aqui ali para funcionar e isso é uma merda e acaba pondo as EFAS uma contra outra ao invés de ser aliadas fica uma coisa de fica Tatiana lá na Serra do Brigadeiro é da Serra do Brigadeiro num é da EFA Puris ou fica EFA Puris com um projeto aqui e Tatiana lá serra do Brigadeiro o com o projeto da EFA de cá ai fica essa distância, e isso é a ruim e no momento que eu acho que o povo pode ser até Parecido mas não é o mesmo e elas poderiam se juntar e uma ajudar a outra desde que pensa num desenvolvimento maior e ai eu acho que nessa questão quando você fala de Território essa briga por recurso dentro

do Território Piorou essa questão da relação das EFAS por causa delas exatamente brigarem entre si por causa de um recurso então acho que ajudou nessa.

Tati: virou motivo pra outros

Maria Bonita: É exatamente acho eu avalio isso como muito ruim hoje né acho que poderia ser bem melhor repensado ou pensado hehhe

Tati: obrigada!